

O contributo do design para a privacidade
em espaços partilhados
Marco Alexandre Duarte Ferreira

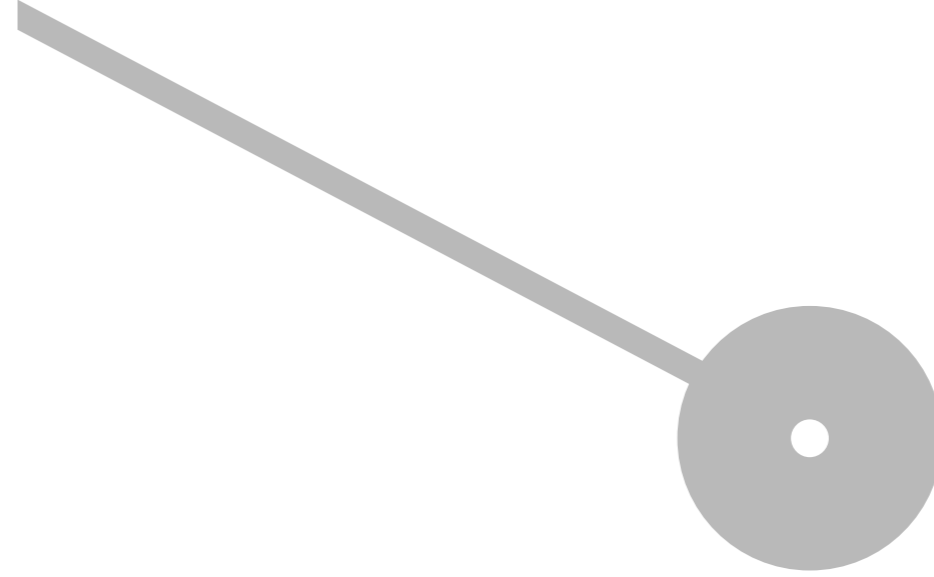
02/2020

Marco Alexandre Duarte Ferreira. O contributo do design para a privacidade em
espaços partilhados.

O contributo do design para a
privacidade em espaços
partilhados

Marco Alexandre Duarte Ferreira

02/2020



Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Marco Alexandre Duarte Ferreira

O contributo do design para a privacidade em espaços partilhados

Trabalho de Projeto
Mestrado em Design
Orientação: Mestre Abel Pedro Gonçalves Tavares

(versão final definitiva)

Vila do Conde, fevereiro de 2020

Politécnico do Porto
Escola Superior de Media Artes e Design

Marco Alexandre Duarte Ferreira

O contributo do design para a privacidade em espaços partilhados

Trabalho de Projeto

Mestrado em Design

Orientação: Mestre Abel Pedro Gonçalves Tavares

Vila do Conde, fevereiro de 2020

Marco Alexandre Duarte Ferreira

O contributo do design para a privacidade em espaços partilhados

Trabalho de Projeto
Mestrado em Design

Membros do Júri

Presidente

Prof.^a Doutora Cristina Ferreira Fonseca Lousada Soares
Escola Superior de Media Artes e Design – Politécnico do Porto

Orientador

Mestre Abel Pedro Gonçalves Tavares
Escola Superior de Media Artes e Design – Politécnico do Porto

Arguente

Designer Pedro Emanuel Lopes Sousa

Vila do Conde, fevereiro de 2020

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, os meus agradecimentos direcionam-se à minha família, particularmente aos meus pais. Desde os meus primeiros passos que me foram instruindo valores e saberes que me permitiram, acima de tudo, chegar a esta etapa da minha vida com a certeza e o orgulho de todo este trajeto. A eles, um muito obrigado por, mediante as suas possibilidades, me proporcionarem os meios necessários para, no dia de hoje, estar contente com o ser humano em que me tornei.

À minha namorada, Micaela, só tenho a agradecer, pois quando a vontade de trabalhar era escassa ou quando surgia algum bloqueio criativo, a sua ajuda era sempre garantida. Se alcancei este patamar deve-se, sem sombra de dúvidas, a ela.

Aos meus amigos, aos de longa data e aos que fui fazendo no ensino superior. Aos Gatunos – Tuna Académica do Politécnico do Porto, onde fiz grandes e bons amigos, onde descobri que tinha talento musical e onde pude, orgulhosamente, pisar grandes palcos deste país, assim como conhecer um pouco da Europa. À minha família de praxe, que está, felizmente, cada vez maior.

Por fim, agradeço aos meus professores, aos atuais e aos que já passaram pelo meu percurso académico, pois os projetos, as referências e lacunas que tive de superar foram supervisionadas por eles.

RESUMO ANALÍTICO

O alojamento local é um modelo de negócio que tem vindo a ganhar notoriedade e popularidade ao longo do tempo. Atualmente, a maior procura por este tipo de alojamento em Portugal está, em grande parte, associada ao aumento exponencial do turismo, tanto por motivos de lazer, como de negócios.

O alojamento local pode servir-se de espaços com configurações distintas e de modalidades diversificadas. Com efeito, e numa tentativa de balizar o contexto de estudo da investigação, definiu-se que os estabelecimentos de hospedagem, nomeadamente os *hostels* e as residências de estudantes, seriam o foco de estudo da investigação proposta.

A experiência pessoal do investigador enquanto frequentador de espaços partilhados, sobretudo na sua qualidade de estudante deslocado, constituiu o mote para o desenrolar do projeto; existia, *à priori*, um conhecimento alargado sobre estes espaços e a problemática da privacidade acabou por se tornar num ponto de particular interesse.

Se, por um lado, os *hostels* e as residências para estudantes facilitam a interação entre todos os intervenientes, possibilitando, desse modo, a partilha de experiências e pondo-nos a par com diferentes realidades culturais, por outro põem em xeque a individualidade de quem os frequenta. Poder-se-ia inferir que quem procura estes espaços conhece, de antemão, as suas inerências e, portanto, a questão da falta de privacidade não constitui um problema efetivo. No entanto, se pensarmos que cada vez mais os estudantes procuram soluções mais económicas de alojamento, ainda que, para isso, tenham que abdicar de algumas liberdades fundamentais como é a privacidade, então torna-se premente mitigar este ponto.

Assim, a solução encontrada – um treliche – não só garante uma maior sensação de privacidade a todos aqueles que se vêm obrigados a dividir o quarto, como também apresenta a particularidade de poder ser aplicado nos mais variados espaços partilhados, independentemente da sua configuração, dado o seu carácter modular.

Palavras-chave: Alojamento Local; Privacidade; Mobiliário.

ABSTRACT

Local accommodation is a business model that has gained notoriety and popularity over time. Currently, the increased demand for this type of accommodation in Portugal is largely associated with the exponential increase in tourism, both for leisure and business reasons.

A local accommodation can use spaces with different configurations and diverse modalities. In fact, and in an attempt to narrow down the context of the research study, it was defined that the accommodation establishments, namely the hostels and student residences, would be the focus of study of the proposed research. The personal experience of the researcher as a regular resident of shared spaces, especially as a displaced student, was the motto for the development of the project; a priori, there was a wide knowledge of these spaces and the issue of privacy eventually became a point of particular interest.

On one hand, hostels and student residences facilitate the interaction between all the individuals, thus, enabling a sharing of experiences and bringing us closer to different cultural realities, on the other hand, it questions the individual space of those who frequent them. It could be inferred that those who seek these spaces know in advance their inderencies and, therefore, the issue of a lack of privacy is not an effective problem to them. However, if we think that more and more students are looking for cheaper housing solutions, even if they have to sacrifice some fundamental freedoms such as privacy, then it is urgent to mitigate this point.

Thus, the solution found - a treliche - not only guarantees a greater sense of privacy to all those who inevitably will be sharing a room, but also has the particularity that it can be applied in the most varied shared spaces, regardless of their configuration, given its modular character.

Keywords: Local accommodation; Privacy; Furniture.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO UM - CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: ALOJAMENTO LOCAL E A QUESTÃO DA PRIVACIDADE NOS SEUS ESPAÇOS PARTILHADOS.....	14
1 - A evolução do conceito de turismo.	14
2 - Alojamento local: esclarecimentos sobre a modalidade.....	16
2.1 - Caracterização dos modelos de alojamento local.....	17
3 - Espaços partilhados em estabelecimentos de alojamento local.....	19
3.1 - Divisões e partilha de espaço: vantagens e desvantagens.....	19
3.2 - Importância da privacidade em espaços partilhados.	21
CAPÍTULO DOIS – FASE EXPLORATÓRIA: ESTUDO DE CAMPO E ESTADO DA ARTE..	22
4 – Conhecer a perspetiva dos utilizadores de espaços partilhados.	22
5 - Estudo de caso: “The Passenger Hostel”	24
6 – Estado da arte: design como solução de privacidade para espaços partilhados; Mobiliário para espaços de descanso.....	28
CAPÍTULO TRÊS – FASE DE DESENVOLVIMENTO: CONCEPTUALIZAÇÃO.....	36
7 – Abordagem conceptual	36
8 – Estudos de forma e de escala.....	36
CAPÍTULO QUATRO – FASE FINAL: PROPOSTA PESSOAL DE DESIGN.....	43
9 - Simulações 3D, fotomontagens e maquete.	43
9.1 - Questões técnicas do projeto.	46
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

ANEXOS.....	53
ANEXO A – Inquérito exploratório	54
ANEXO B – Dados estatísticos recolhidos com base nas respostas ao inquérito exploratório	55
ANEXO C – Transcrição da entrevista a Tomás Graça, diretor do “Passenger Hostel”	59
ANEXO D – Desenhos técnicos.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Aurora”, Turkish Airlines, 2019.	28
Figura 2: “Aurora”, Turkish Airlines, 2019 (2).	28
Figura 3: Cabine privada, Emirates Airlines, s.d.	29
Figura 4: Hotel “Nine Hours Capsule”, Tóquio, s.d.	30
Figura 5: "The Pod", Formwerkz Architects, Singapura, 2019.	31
Figura 6: "The Pod", Formwerkz Architects, Singapura (2), 2019.	31
Figura 7: Hostel "S&S", Lisboa, s.d.	32
Figura 8: Hostel "Milhouse", Cusco, Perú, s.d.	33
Figura 9: "SleepBox", Arch Group, Rússia, s.d.	34
Figura 10: esboços respeitantes ao estudo da forma, 2019.	37
Figura 11: Esboços respeitantes ao estudo da forma (2), 2019.	38
Figura 12 - Primeiros padrões desenvolvidos para as portas de correr, 2019.	39
Figura 13 - Padrões desenvolvidos para as portas de correr, 2019.	40
Figura 14 - Padrões que conduziram à solução projetual, 2019.	41
Figura 15: Módulo nas três opções de montagem (vista frontal), 2019.	42
Figura 16: Escala humana em relação ao beliche, 2019.	42
Figura 17: Interior do módulo, 2019.	43
Figura 18: Pormenor na zona destinada às bagagens, 2019.	46
Figura 19: Método de encaixe (método com espiga), 2019.	47
Fotografia 1: Receção, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.....	26
Fotografia 2: Zona de lazer do piso superior, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.	26
Fotografia 3: Quarto, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.....	27
Fotografia 4: Quarto com vários treliches, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.....	27
Fotografia 5: Escala humana em relação à maquete, 2019.	43
Fotografia 6: Maquete final (vista isométrica), 2019.	44
Fotografia 7: Maquete final (vista frontal), 2019.	44
Gráfico 1 - Pontos negativos apontados pelos inquiridos na partilha de espaço com desconhecidos.....	23

Gráfico 2: Idades dos inquiridos.....	55
Gráfico 3: Género dos inquiridos.....	55
Gráfico 4: Número de vezes que os inquiridos frequentam espaços partilhados.....	56
Gráfico 5: Partilha de quarto dos inquiridos com conhecidos/desconhecidos.....	56
Gráfico 6: Frequência de quartos mistos/de pessoas do mesmo sexo, por parte dos inquiridos.....	57
Gráfico 7: Vivência de alguma situação desagradável por parte dos inquiridos.....	57
Gráfico 8: Aspetos negativos apontados pelos inquiridos na partilha de espaço com desconhecidos.....	58
Gráfico 9: Limitações dos quartos, de acordo com o entendimento dos inquiridos.....	58

Tabela 1: Pontos positivos/negativos da vivência num hostel, segundo o investigador.....	
--	--

20

Tabela 2 - Pontos positivos/negativos da vivência numa residência de estudantes, segundo o investigador.....	20
--	----

INTRODUÇÃO

- Justificação do tema.

A escolha do tema “Mobiliário para Espaços Partilhados” deve-se, principalmente, ao gosto pessoal pelo desenvolvimento de peças de mobiliário. Na verdade, o interesse pela área do mobiliário teve início durante os anos respeitantes à Licenciatura em Design Industrial e culminou no desenvolvimento do presente projeto para a obtenção do grau de Mestre.

A este fator, aliou-se a experiência pessoal, enquanto estudante deslocado, em locais de aceção partilhada; existia um conhecimento empírico acerca das problemáticas inerentes aos espaços partilhados, nomeadamente ao que à privacidade dizia respeito. Para além disso, o facto de se perceber que a falta de privacidade era um ponto negativo apontado não só pelo investigador, como também pelos seus pares, veio reforçar a pertinência de se adotar esta circunstância do quotidiano a um contexto de estudo real no âmbito do projeto final de Mestrado.

- Objetivos e questão de investigação.

O alojamento local é, atualmente, uma modalidade em expansão no que diz respeito ao acolhimento de visitantes de qualquer país. No entanto, quando frequentados, muitos destes espaços partilhados fazem transparecer as suas debilidades e é precisamente neste ponto que o design poderá surgir enquanto disciplina capaz de acrescentar qualidade e conforto a estes locais.

Hostels e residências para estudantes são espaços de repouso, partilhados, na maioria dos casos, por desconhecidos. Como tal, a sensação de desconforto e observação está sempre presente na mente dos seus utilizadores, tal como se pôde verificar ao longo do processo metodológico proposto e exposto no presente relatório.

Assim sendo, a investigação tem como principal objetivo melhorar a experiência de quem frequenta espaços partilhados (particularmente *hostels* e residências para estudantes) através da conceção de uma peça de mobiliário que lhes confira maior privacidade no momento de descanso.

Ora, este pensamento remete para a definição da nossa questão de investigação: poderá o design, através do mobiliário, garantir privacidade em espaços partilhados?

- Divisão do documento e metodologia.

A resposta à questão de investigação só foi possível após um percurso composto por duas vertentes: uma primeira mais teórica que se materializa no primeiro capítulo - denominado “Contextualização teórica: alojamento local e a questão da privacidade nos seus espaços partilhados” – e através da qual se esclarece alguns conceitos-chave relacionados com a temática apresentada, tais como “espaço partilhado” e “alojamento local”; uma segunda, essencialmente prática – respeitante aos restantes capítulos – que culmina com a apresentação de uma proposta de design adaptada a um contexto real de ação, mas que, ainda assim, poderá adaptar-se a outros tantos contextos de espaços partilhados.

Importa, porém, esclarecer que em cada uma delas foram aplicados métodos distintos, quantitativos e qualitativos, uma vez que a conjugação de ambos torna mais preciso e eficaz o estudo realizado e a consequente resposta à questão de investigação.

No primeiro capítulo transmite-se a ideia de que o aumento da procura por espaços partilhados, independentemente da sua tipologia, está diretamente associado ao aumento exponencial do turismo no nosso país. Ora, se se verifica um aumento da procura, a oferta tem-se comprovado cada vez maior e mais diversificada, mas nem sempre cumpre, com eficácia e conforto, o propósito de existência; é neste ponto que faz sentido falar-se da ausência de privacidade enquanto ponto menos positivo dos espaços partilhados.

Para a escrita deste primeiro capítulo, valemo-nos da revisão de literatura, particularmente de publicações científicas como teses e dissertações de mestrado, livros e outras fontes digitais – mas não menos fidedignas – como *websites* institucionais; todas as informações consideradas relevantes foram recolhidas e sintetizadas em fichas de leitura.

Com o segundo capítulo, denominado “Fase exploratória: estudo de campo e estado da arte” pretendia-se reunir o maior número de informação acerca dos modelos de alojamento local, bem como a perspetiva dos frequentadores de espaços partilhados.

Para isso, e na impossibilidade de nos debruçarmos sobre todos os estabelecimentos de alojamento local existentes no país, optou-se por desenvolver um conjunto de inquéritos distribuídos através de uma rede social, por forma a chegar ao maior número de utilizadores possível, relevando, assim, a amostra.

Com estes inquéritos pôde-se confirmar que a falta de privacidade é o principal constrangimento apontado pela maioria dos inquiridos.

A este método juntou-se uma pesquisa de campo, que se orientou para um caso de estudo: “The Passenger Hostel”, situado na cidade do Porto. Com esta pesquisa foi possível observar as dinâmicas e o comportamento dos utilizadores no local, sempre sem qualquer tipo de interferência por parte do investigador; desta pesquisa resultaram anotações, registos fotográficos e de vídeo.

Para além disso, interessava conhecer a perspetiva de quem se debruça profissionalmente sobre a área do alojamento local, mais concretamente dos *hostels* enquanto modelo de negócio, e, desse modo, compreender se a privacidade é, ou não, um fator a ter em conta na preparação dos quartos. Como tal, realizou-se uma entrevista, cujas questões-guia foram previamente preparadas, ao Diretor do “Passenger Hostel”, Sr. Tomás Graça.

Por fim, e após as conclusões retiradas de toda a pesquisa de campo, tornou-se imprescindível perceber qual a resposta que o design tem vindo a dar, relativamente à falta de privacidade em espaços partilhados; no fundo, este ponto constitui o equivalente ao estado da arte.

O terceiro e quarto capítulos (“Fase de desenvolvimento: conceptualização” e “Fase final: proposta pessoal de design”, respetivamente) são os pontos onde a vertente prática está mais evidente e onde, através da realização de estudos de forma e de escala foi possível chegar à concretização do projeto, visível no capítulo quatro, sob a forma de simulações 3D, fotomontagens e de uma maquete.

CAPÍTULO UM - CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: ALOJAMENTO LOCAL E A QUESTÃO DA PRIVACIDADE NOS SEUS ESPAÇOS PARTILHADOS

1 - A evolução do conceito de turismo.

Estudar-se a temática associada ao alojamento local e, particularmente, aos espaços partilhados, não é possível sem que antes se clarifique o conceito de “turismo”.

Por este motivo, o presente capítulo inicia com a exploração de algumas perspetivas, desenvolvidas ao longo dos tempos, por inúmeros estudiosos, acerca do referido conceito.

Em 1942, o turismo foi definido pelos professores e sociólogos Walter Hunziker e Kurt Krapf (cit. por Cunha, 2003) como “o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma atividade lucrativa principal”.

Para além disso, os sociólogos definem o turismo como o ato em que “o homem que se desloca para satisfazer a sua curiosidade, o desejo de conhecer, para se cultivar e evadir, para se repousar ou se divertir num meio diferente daquele que lhe é habitual” (Cunha, 2006, p. 19).

Já Bernecker (1965), (cit. por Cunha 2006, p. 20), assume o turismo como “a soma das relações e dos serviços que resultam de uma alteração de residência, temporária e voluntária, não motivada por razões de negócios ou profissionais”.

Por sua vez, em 1991, a OMT (Organização Mundial e Turismo), apresentou uma nova definição de turismo: “o turismo compreende as atividades desenvolvidas por indivíduos (visitantes) no decurso das suas viagens e estadias para e em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano para fins recreativos, de negócios e outros” (cit. por Cunha, 2006).

Dada a diversidade de perspetivas sobre o assunto, não foi possível encontrar uma definição estanque para o conceito de “turismo”, o que conduz a um ponto particularmente interessante, desde logo a sua constante evolução e mutação ao longo dos tempos.

Na verdade, mais do que a evolução do conceito, torna-se imprescindível analisar a própria evolução do turismo enquanto atividade económica, já que esta tem vindo a sofrer alterações - não só nos serviços disponibilizados ao consumidor, como também na forma como é comercializada - e isso tem uma correspondência direta com as vivências contemporâneas.

A evolução do turismo enquadra-se nas alterações conjunturais que propiciaram a generalização de formas de viajar menos dispendiosas e um acesso mais generalizado ao consumo turístico, como também os preços turísticos têm crescido proporcionalmente menos do que os outros produtos. A atividade turística assume-se hoje como uma necessidade, regeneradora de bem-estar e comum na sociedade moderna. (Cunha, 1997, p.114 cit. por Saraiva, 2013)

A *internet*, por exemplo, é uma forma imprescindível, na atualidade, de publicitar e vender variados serviços. A rapidez com que são efetuadas transações ou, até mesmo, como se marcam férias ou reservam espaços para pernoitar, só foi possível com o avanço tecnológico. O turismo, por sua vez, manteve o contacto direto com essas evoluções, o que conduziu, em conjugação com outros fatores, a um aumento na procura e na facilidade de acesso às mais variadas ofertas.

Hoje em dia, as agências já não têm tanta preponderância na escolha do destino de viagem dos seus clientes. Primeiramente, todas as informações inerentes, sejam elas positivas ou negativas, a um destino, agência de viagem, alojamento, transporte ou restaurante estão disponíveis nos *websites* de reservas. Tal como Sousa (2017) esclarece, dessa forma é possível ao consumidor selecionar os serviços que mais vão ao encontro da sua expectativa: “os comentários nos *websites* de reservas, *blogs* ou redes sociais além de funcionarem como um incentivo para os agentes da oferta apresentarem um serviço de alta qualidade, fornecem a potenciais clientes uma vasta quantidade de informação gratuita sobre determinado serviço”.

Para além disso, é frequente acontecer uma redução de preços na hora de reservar determinados serviços *online*, atraindo, assim, mais clientes; este fator, não só está ligado ao avanço tecnológico, como também ao aumento da procura.

A atual era turística chegou a um ponto em que um simples comentário negativo numa plataforma *online* pode ser o motivo do fecho de um estabelecimento e, por esse motivo, Sousa (2017), afirma que “criar uma boa reputação *online* é essencial para o sucesso de qualquer unidade turística”.

Daqui se conclui que o mundo turístico está em sintonia com o mundo tecnológico e que a forma mais eficaz de publicidade de um espaço ou serviço está relacionada com a titularidade do prestador de serviços nas plataformas existentes para esse efeito. Efetivamente, verifica-se que quanto mais *feedback* positivo, por parte de consumidores, tiver determinado prestador de serviços, maior será a tendência para que novos consumidores o procurem.

(...) as vendas *online* são uma das grandes revoluções do século XXI (...), a constante avaliação de que as empresas turísticas são alvo nas plataformas online tem um grande impacto na melhoria da qualidade do serviço oferecido. Sendo os comentários e avaliações nessas plataformas públicos, uma má crítica poderá destruir o negócio destas empresas. (Sousa, 2017)

2 - Alojamento local: esclarecimentos sobre a modalidade.

A génese do alojamento local, ao contrário do que se assume, remonta à Idade Média, através do paralelismo estabelecido entre as antigas estalagens e albergues e as atuais modalidades de alojamento local como, por exemplo, os *hostels*.

Segundo a entidade estatal “Turismo de Portugal” (2018) são considerados estabelecimentos de alojamento local todos os que “prestam serviços de alojamento temporário, nomeadamente a turistas, mediante remuneração, e que reúnam os requisitos previstos no Decreto-Lei n.º 128/2014, de 29 de agosto, alterado pelo Decreto-Lei n.º 63/2015, de 23 de abril, e pela Lei n.º 62/2018, de 22 de agosto, não sendo permitida a exploração como estabelecimentos de alojamento local dos estabelecimentos que reúnam os requisitos para serem considerados empreendimentos turísticos”.

Não obstante, e ainda de acordo com a mesma entidade, são intitulados de alojamento local os estabelecimentos que se enquadrem nas seguintes modalidades:

- “Moradia: estabelecimento de alojamento local cuja unidade de alojamento é constituída por um edifício autónomo, de carácter unifamiliar”;
- “Apartamento: estabelecimento de alojamento local cuja unidade de alojamento é constituída por uma fração autónoma de edifício ou parte de prédio urbano suscetível de utilização independente”;
- “Estabelecimentos de hospedagem: estabelecimento de alojamento local cujas unidades de alojamento são constituídas por quartos, integrados numa fração autónoma, em prédio urbano ou parte de prédio urbano suscetível de utilização

independente. Os estabelecimentos de hospedagem podem utilizar a denominação de “hostel” quando a unidade de alojamento predominante for um dormitório (isto é, quando o número de utentes em dormitório seja superior ao número de utentes em quarto), e se obedecerem aos restantes requisitos previsto para o efeito”;

- “Quartos: exploração de alojamento local feita na residência do titular - correspondente ao seu domicílio fiscal - quando a unidade de alojamento sejam quartos em número não superior a três”.

2.1 - Caraterização dos modelos de alojamento local.

2.1.1 - O *hostel*.

Em tempos, o termo albergue era associado a um lugar para alojar pessoas incapazes, necessitadas e sem abrigo. Para além disso, viria a ser relacionado a espaços sujos e desorganizados com inúmeras camas, longe dos pontos de atração turística e dos seus visitantes. Atualmente, segundo o Dicionário *Online* Priberam da Língua Portuguesa (2019), albergue é um “estabelecimento que fornece alojamento a preços mais reduzidos do que um hotel”. A sua designação sofreu alterações passando a denominar-se *hostel*.

De acordo com a informação constante no *website* da “Hostelling International”¹ é possível perceber-se que o conceito de *hostel* surgiu a 26 de agosto de 1909, pelo professor alemão Richard Schirrmann, aquando uma viagem com os seus alunos. Durante esta viagem foi surpreendido por uma tempestade e teve dificuldade em encontrar alojamento. Devido à complexidade e demora para se abrigarem, Schirrmann promoveu o desenvolvimento destes albergues para precaver futuras viagens com os seus alunos e também para outros viajantes na mesma situação. Três anos mais tarde surgiu, no restaurado Castelo de Altena, na Alemanha, o primeiro *youth hostel*.

(Hostelling International, s.d.).

Atualmente, esta tipologia de alojamento é bastante aceite e utilizada por pessoas de todas as faixas etárias e de todas as classes sociais. O *hostel*, é uma excelente

¹ A Hostelling International é a maior rede de hospedagem no mundo, estando associada a mais de 4500 hotéis e *hostels*, em mais de 80 países.

alternativa para desfrutar de um local de descanso, rivalizando com os hotéis em termos de oferta e preço.

2.1.2 - Residência para estudantes.

As residências para estudantes são um modelo de alojamento local que difere dos dormitórios graças à esquematização dos quartos: nas residências, os quartos podem ser elaborados em três possibilidades - individuais, duplos ou triplos; já no caso dos dormitórios, ou camaratas, as divisões são partilhadas por dez ou mais pessoas.

Por norma, este tipo de alojamento está situado nas imediações de instituições académicas e a sua intenção passa por disponibilizar aos seus “estudantes, investigadores, professores, cientistas, jovens profissionais e outras pessoas que se encontrem ligadas ao meio académico” um local para morarem durante o ano letivo. (SPRU, 2017)

Para alunos bolsеiros, as residências acabam por ser uma excelente alternativa, já que o valor da mensalidade é bastante reduzido em comparação às restantes opções e a sua administração está entregue aos serviços de ação social das instituições. O SAS do P. Porto² procura “garantir alojamento apto a satisfazer todas as necessidades dos estudantes, permitindo-lhes usufruir de um espaço de habitação com todas as condições de habitabilidade, conforto, comodidade higiénico-sanitárias, assim como todas as condições que lhes permitam estudar e promover o convívio social e a partilha entre todos os pares” (Politécnico do Porto, 2019).

A existência destes modelos de alojamento permite, para além da redução de custos relativos à estadia, que os estudantes aumentem o seu sentido de responsabilidade e se adaptem às adversidades, resolvendo certas e determinadas situações sem o apoio direto de familiares. Do mesmo modo, possibilita a vida em comunidade; é uma excelente forma de fomentar o respeito pelos restantes companheiros e de aplicação dos direitos e deveres de um cidadão, já que pressupõe que se concilie “a liberdade que os residentes usufruem com a responsabilidade resultante da integração na comunidade da residência, assinalando uma etapa fundamental na vida

² Serviços de Ação Social do Politécnico do Porto.

de todos os residentes e instigando-os a partilhar responsabilidades e bons exemplos” (Politécnico do Porto, 2019).

3 - Espaços partilhados em estabelecimentos de alojamento local.

3.1 - Divisões e partilha de espaço: vantagens e desvantagens.

Nos vários estabelecimentos de alojamento local existem zonas que são comuns a todos os clientes: o refeitório/cozinha, a sala de convívio, casas de banho/balneários e os quartos são partilhados; algumas dessas divisões, como por exemplo as casas de banho e os balneários, “podem ser comuns a vários quartos e dormitórios, ser mistos ou separados por género” de forma a salvaguardar a integridade física e moral dos clientes (Autoridade de Segurança Alimentar e Económica, 2016).

No caso do *hostel*, prevê-se que existam “espaços sociais comuns, como cozinha e área de refeição, de acesso livre por parte dos hóspedes” (*Ibidem*, 2016). Num espaço caracterizado pela partilha de experiências, torna-se vital que os utilizadores entrem em contacto com outras pessoas e culturas. Deste modo, fará sentido a oferta de divisões potencialmente indutivas ao convívio e à troca de saberes e experiências.

No que diz respeito às residências, é expectável que os seus utilizadores possam usufruir de sala/s de convívio e/ou estudo, refeitório ou cozinha e, nalguns casos, espaços para a prática de desporto.

A partilha de espaços entre desconhecidos conduz à existência de diferentes perspetivas e juízos. Relativamente ao espaço físico de um quarto partilhado, levantam-se mais preocupações e mais divergências de opiniões. Deste modo, procedeu-se à elaboração de duas tabelas-síntese relativas aos pontos positivos e negativos de ambos os estabelecimentos de alojamento local em estudo. Salienta-se, contudo, que o preenchimento destas tabelas deriva de conhecimento empírico do investigador.

Tabela 1: Pontos positivos/negativos da vivência num *hostel*, segundo o investigador.

HOSTELS	
PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
- sentido de arrumação e organização	- pouca privacidade nos quartos.
- respeito e bom senso entre todos os utilizadores.	- partilha dos quartos com desconhecidos.
- facilidade na construção de novas amizades, trocas culturais, <i>etc.</i>	- necessidade de adaptação aos hábitos dos restantes utilizadores.

Tabela 2 - Pontos positivos/negativos da vivência numa residência de estudantes, segundo o investigador.

RESIDÊNCIAS DE ESTUDANTES	
PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
- localização próxima aos estabelecimentos de ensino.	- pouca privacidade nos quartos duplos ou triplos.
- experiência de morar sozinho (sem apoio direto e imediato da família).	- adequação das instalações e do seu recheio face ao número de residentes.
- facilidade na construção de novas amizades, trocas culturais, <i>etc.</i>	- necessidade de adaptação aos hábitos dos restantes utilizadores.

Em suma, estes dois estabelecimentos são coincidentes nalguns pontos, nomeadamente, na troca de experiências e na construção de novas amizades, bem como na falta de privacidade e adaptação aos hábitos dos restantes residentes.

Porém, torna-se imprescindível relevar o facto de ambos os modelos de alojamento local diferirem num ponto particular: quem procura os *hostels* fá-lo no sentido de obter alojamento de curta duração (normalmente o tempo necessário para alguma atividade turística ou de lazer), enquanto que no caso das residências para estudantes se verifica a procura por um alojamento de média duração (número de meses de cada ano letivo).

Não obstante, estas tabelas acompanham os resultados dos inquéritos³ elaborados para a realização deste projeto e permitem clarificar a premissa de que a falta de privacidade é uma problemática que ainda está longe de estar solucionada.

³ Resultados dos inquéritos constam no capítulo dois.

3.2 - Importância da privacidade em espaços partilhados.

A etimologia da palavra privacidade, origina da palavra inglesa *privacy*. A sua definição é esclarecida pelo Dicionário Online de Português (2019), como a “qualidade do que é privado, do que diz respeito a alguém em particular: não se deve invadir a privacidade de ninguém”. Segundo o dicionário *Online* Priberam da Língua Portuguesa (2019), privacidade é a “condição do que é privado, pessoal ou íntimo; vida privada”.

Segundo a Ordem dos Advogados (2019), “os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar” estão ao abrigo do artigo 26.º - Outros direitos pessoais, presente na Constituição da República Portuguesa.

Em espaços partilhados, a privacidade também é um direito dos clientes. Apesar da partilha de um local por duas ou mais pessoas ser um fator intrínseco aos *hostels* e às residências de estudantes, continua a ser igualmente exigível a existência do mínimo de privacidade durante a estadia de cada um dos utilizadores.

O aproveitamento, por parte de indivíduos mal-intencionados, tem sido uma das preocupações dos viajantes e utilizadores de estabelecimentos de alojamento local. O seio de um quarto misto e, também, do mesmo sexo, partilhado por desconhecidos, pode ser um local desagradável, caso existam intenções que coloquem em risco a integridade física e moral das outras pessoas. Poucos são os que se sentem confortáveis enquanto são observados a trocar de roupa, a repousar ou a dormir e é precisamente neste ponto que se alicerça a solução projetual proposta no presente relatório.

4 – Conhecer a perspectiva dos utilizadores de espaços partilhados.

Inicialmente, foi elaborado um inquérito exploratório⁴, distribuído digitalmente, questionando os inquiridos acerca dos pontos negativos da partilha de espaço com desconhecidos. A intenção resumia-se em descodificar quais os aspetos que menos agradavam aos utilizadores de espaços partilhados. A partir da análise dos resultados ao inquérito seria possível consolidar a problemática.

Como suprarreferido, o inquérito foi divulgado digitalmente (através das redes sociais), pelo que não foi possível controlar a amostra. Ainda assim, foi possível apurar que a idade dos inquiridos variou entre os 18 e os 83 anos, com maior prevalência de pessoas com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos.

Para este inquérito foram obtidas 109 respostas válidas e desse número 61% eram do sexo feminino e 39% do sexo masculino.

Após questionar os inquiridos acerca da sua idade e género, colocou-se a seguinte pergunta: “Com que frequência frequenta, anualmente, espaços de descanso partilhados (ex. hostels)?”; a esta questão, 20% respondeu “zero vezes por ano”, 69% respondeu “uma a cinco vezes por ano”, 7% respondeu “seis a dez vezes por ano” e 4% respondeu “11 ou mais vezes por ano”.

Após esta questão, destacaram-se os inquéritos onde se verificou que os inquiridos teriam frequentado espaços de descanso partilhados pelo menos uma vez. Assim, apenas 86 respostas foram consideradas válidas para continuar o questionário.

Das 86 respostas validadas, 87% respondeu que costumava partilhar quarto com conhecidos e 13% com desconhecidos. Quanto à tipologia do quarto, 53% optava por quartos do mesmo sexo e 47% escolhia quartos mistos.

A questão seguinte abordava os inquiridos acerca de situações desagradáveis ocorridas nestes espaços, 84% nunca passou por situações constrangedoras e 13% já teriam sido vítimas de episódios desagradáveis.

⁴ O inquérito e os resultados ao mesmo encontram-se, respetivamente, no Anexo A e A1.

À questão “Quais são os pontos negativos na partilha de quarto com desconhecidos?” os inquiridos elegeram, como verificável no gráfico 1, a falta de privacidade, com 18 votos, como o maior ponto negativo, seguindo-se a insegurança dos inquilinos, com 15 votos, e a desconfiança e o barulho, com 10 votos cada um. A falta de higiene, a desarrumação, insegurança para com os bens pessoais e a sensação de pouco à vontade, também foram pontos negativos focados pelos inquiridos.

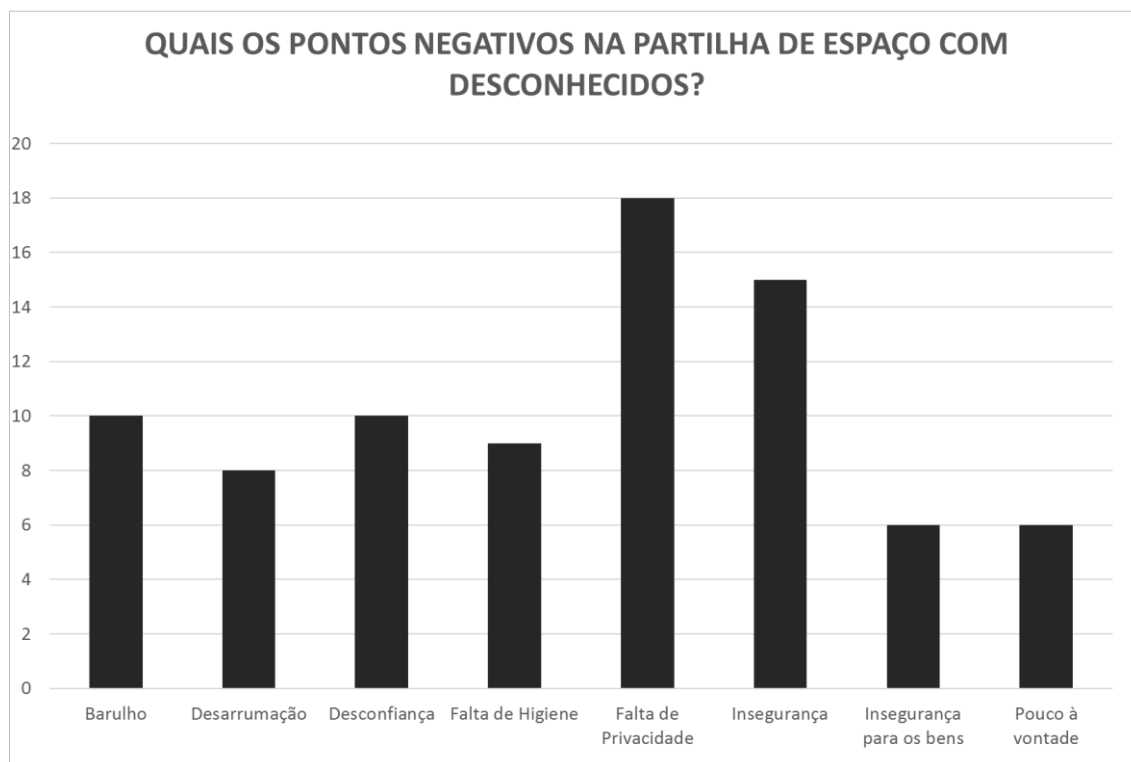


Gráfico 1 - Pontos negativos apontados pelos inquiridos na partilha de espaço com desconhecidos.

Relativamente ao espaço físico do quarto ou ao mobiliário, a maioria dos inquiridos assumiu que a oferta por parte dos locais que costumam frequentar é suficiente. Para os inquiridos insatisfeitos, os armários (com 5 votos), os cacifos, as divisórias e as tomadas elétricas (com 4 votos cada), são aspetos que beneficiariam estes locais de alojamento.

5 - Estudo de caso: “The Passenger Hostel”.

“The Passenger Hostel” é um estabelecimento, de cinco estrelas, que se situa dentro da Estação de São Bento, no centro da cidade do Porto. A estação, por si só, já é considerada um monumento de elevado relevo a nível cultural e turístico: é um dos edifícios mais bonitos do mundo, na sua categoria, e é um Monumento Nacional que faz parte do Património Mundial da UNESCO⁵.

Neste sentido, facilmente se depreende que a sua localização foi, com certeza, uma das suas chaves para o sucesso. Apenas a poucos minutos das zonas de atração turística mais conhecidas da invicta - tais como a Ribeira, os Aliados, o rio Douro ou a Baixa do Porto - o “Passenger Hostel” está rodeado de pontos estratégicos que garantem o fluxo de possíveis clientes em torno do seu estabelecimento.

A construção do *hostel* resulta num concurso com o interesse de reabilitar o espaço, tendo em conta que estava há vários anos em estado devoluto. O projeto garantiu, por um lado, a reabilitação interior e, por outro a conservação da fachada do edifício.

A missão do “Passenger Hostel” passa por oferecer aos seus clientes a experiência de “dormir numa das estações mais bonitas do mundo, uma das principais atrações turísticas do Porto, receber um serviço de alta qualidade e, em alguns aspetos, equiparado ou superior ao de um hotel⁶”.

Este *hostel* disponibiliza duas principais tipologias de quartos: de acesso limitado ou de acesso extenso. Na categoria dos quartos de acesso limitado, existe um único quarto para três pessoas e diversos para quatro ou cinco pessoas. Quanto aos quartos de acesso extenso, existem as camaratas mistas, com capacidade para 10 pessoas, as camaratas femininas, também para 10 pessoas e, por fim, a camarata XL, que pode albergar 12 pessoas.

As restantes divisões, ou seja, os espaços comuns são a receção, o bar e zona *lounge*, as salas de estar, bibliotecas, *UnderRoof Garden*⁷, Torre do Relógio, cozinhas, casas de banho e lavandaria. (The Passenger Hostel, s.d.).

⁵ United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

⁶ Informação obtida através da reunião com Tomás Graça, diretor do “The Passenger Hostel”.

⁷ Jardim interno (tradução livre).

Como referido anteriormente, a falta de privacidade em espaços partilhados conduz ao desconforto dos seus utilizadores durante as mais variadas tarefas; despir-se na presença de outras pessoas ou ser-se observado durante o período de descanso pode gerar algum constrangimento entre os intervenientes de um quarto partilhado.

Através de uma entrevista⁸ a Tomás Graça, diretor do *hostel*, pôde-se apurar que a privacidade foi uma das preocupações do estabelecimento durante e após a sua construção: “fez parte das nossas preocupações, (...), colocamos algumas cortinas, que tapam a maior parte da cama e garantem alguma privacidade extra num quarto partilhado com pessoas desconhecidas ou mesmo conhecidas. Gostamos sempre de ter a nossa privacidade”.

Na sua ótica, essa preocupação não só é bem vista pelos clientes, como também é um ponto favorável na altura de reservar de quarto: “(...) o *feedback* tem sido muito bom, é uma coisa que as pessoas procuram”.

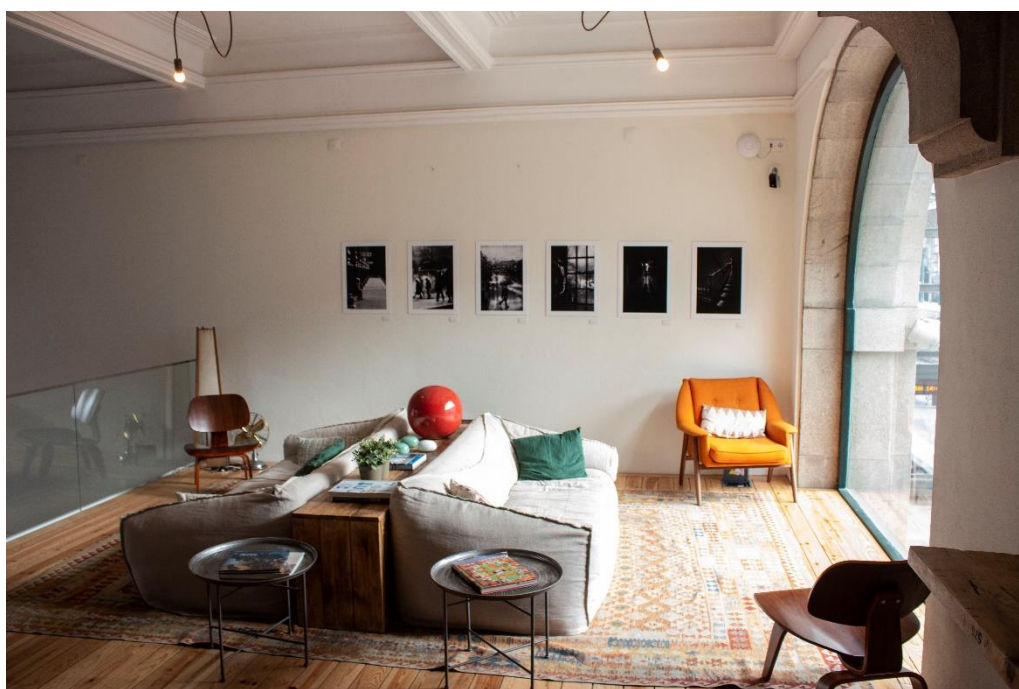
Quando questionado acerca de algum elemento diferenciador no design do mobiliário, Tomás Graça assumiu que a única preocupação passou por garantir um espaço privado aos utilizadores: “(...) mandamos fazer uns treliches à medida, com uma estrutura sólida, o que, de certa forma, pode ser interpretado como uma forma de publicidade. Independentemente do que estão a fazer na cama superior quem está em baixo não sente, a estrutura é forte. Mas a nível de privacidade, propriamente falando, é só a cortina”.

A utilização de cortinas neste *hostel* - como em tantos outros - constitui uma solução rápida e económica face ao problema da falta de privacidade, mas reflete a inexistência de qualquer tipo de preocupação estética. Com base nesta constatação, lançou-se o mote para o projeto pessoal: o desenvolvimento de uma estrutura, destinada ao descanso, capaz de oferecer aos seus utilizadores um espaço privado e inovador.

⁸ Anexo B



Fotografia 1: Receção, "The Passenger Hostel", Porto, 2019



Fotografia 2: Zona de lazer do piso superior, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.



Fotografia 3: Quarto, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.



Fotografia 4: Quarto com vários treliches, "The Passenger Hostel", Porto, 2019.

6 – Estado da arte: design como solução de privacidade para espaços partilhados; Mobiliário para espaços de descanso.

A falta de privacidade, como tem vindo a ser demonstrado ao longo do presente relatório, é um fator determinante na sensação de bem-estar entre os utilizadores de espaços partilhados.

A privacidade é considerada de extrema relevância não só porque abrange todas as áreas da atividade humana dentro da sociedade, mas porque é uma necessidade humana básica, pois permite que cada indivíduo tenha a liberdade de controlar as suas informações privadas e o poder de decidir quem, e em que circunstâncias, pode ter acesso a ela. (Pereira, 2014).

Num mundo em que os negócios tendem a girar em torno de questões monetárias e no aumento exponencial dos lucros, acaba por ser expectável a existência de espaços partilhados nas mais diversas áreas. A rentabilização da área oferecida é, de certa forma, um motivo para gerar mais lucro (ou menos perdas), contudo, essas áreas nem sempre conseguem combater a necessidade de privacidade nos campos de trabalho, lazer ou descanso. Exatamente por esse motivo, procedeu-se a uma pesquisa de mercado, em diferentes setores, em busca de soluções existentes que previnam a escassez ou ausência de privacidade.

Os primeiros exemplos estão relacionados com as companhias aéreas, que cada vez mais se debatem na oferta de opções que as distingam da concorrência. Essas opções podem passar pelo conforto, pela qualidade e variedade das refeições servidas a bordo, pela qualidade do atendimento e, também, pela privacidade. É bastante comum, nos voos de classe executiva e de primeira classe, existirem divisórias entre os lugares dos passageiros, por forma a proporcionar-lhes uma viagem mais cómoda.

A “Turkish Airlines”, em voos de classe executiva, garante aos seus passageiros a “Aurora”, da Stelia Aerospace⁹, uma poltrona com características particulares (figuras 1 e 2): “os assentos da Classe Executiva foram especialmente concebidos para proporcionar o mais alto nível de conforto, contando com funções especiais como um

⁹ A Stelia Aerospace é uma empresa que oferece soluções aeronáuticas para fabricantes e companhias aéreas: projeta e produz aeroestruturas, assentos para pilotos e assentos para passageiros de primeira classe (Flynn, 2019)

ecrã HD de 18 polegadas, um espaço generoso para as pernas dentro do cubículo e um separador entre os assentos centrais”¹⁰ (Flynn, 2019).



Fonte: (Flynn, 2019)

Figura 1: "Aurora", Turkish Airlines, 2019.



Fonte: (Flynn, 2019)

Figura 2: "Aurora", Turkish Airlines, 2019 (2).

¹⁰ (...) an 18" HD video display, plenty of space in the 'generous footwell' cubby and a privacy screen between the paired middle seats (Tradução Livre).

São várias as agências de viagens que complementam os seus serviços através de pequenos pormenores que podem modificar, drasticamente, a experiência de viajar num avião. A intenção dos serviços aéreos passa por proporcionar aos seus clientes a sensação de “estar em casa” nas viagens mais longas e maior comodidade nas viagens mais curtas.

A “Emirates Airlines” é outra companhia aérea que garante aos passageiros de primeira classe uma cabine privativa (figura 3) provida de maior tranquilidade. Esta solução assemelha-se a um quarto de hotel, com direito a inúmeras regalias. (Conte, 2018).



Fonte: (Conte, 2018)

Figura 3: Cabine privada, Emirates Airlines, s.d.

O seguinte exemplo prende-se com a inovação, originária do Japão, denominada “hotel-cápsula” (figura 4). Estes pequenos compartimentos de descanso garantem aos seus utilizadores um local onde, oferecendo o mínimo e o essencial, possam desfrutar de uma noite ou de umas horas de sono. Estas divisões, além de um espaço privativo, dispõem de uma televisão e de tomadas elétricas.

Os hotéis cápsula têm ganhado notoriedade a nível mundial, pois cumprem eficazmente o seu propósito de existência, isto é, conseguem garantir aos seus clientes um local de descanso privado, cobrando valores mais reduzidos em comparação com os hotéis e com os *hostels*, mesmo sendo partilhado por dezenas de pessoas.



Fonte: (Santos, 2015)

Figura 4: Hotel "Nine Hours Capsule", Tóquio, s.d.

“The Pod” (figuras 5 e 6) foi desenvolvido pela Formwerkz Architects¹¹ e situa-se num prédio, na *Beach Road*, em Singapura. Esta solução é assumida por Alan Tay¹² como um projeto para viajantes com orçamento limitado, que não descarta o “conforto, os serviços premium e o estilo¹³” (Ryan, 2013).

O conforto sempre foi assumido como a questão central deste projeto, todavia a Formwerkz não ficou por aí. Alan Tay assumiu que queriam que “o espaço fosse acolhedor e livre de problemas” e que tentaram “eliminar ou amenizar a falta de privacidade e desconforto que costumamos associar à acomodação em comunidade¹⁴” (Ryan, 2013)

¹¹ Formwerkz Architects, empresa fundada por Alan Tay, Seetoh Kum Loon, Gwen Tan e Berlin Lee, em Singapura, em 2004. A empresa trabalha em função da recuperação das relações humanas mútuas, assim como na restauração da relação homem e natureza.

¹² Um dos fundadores da empresa e co-fundador do projeto The Pod.

¹³ “the comfort, premium services, and the style” (Tradução Livre).

¹⁴ “We wanted the space to be welcoming and fuss-free, and we have tried to eliminate or ease the lack of privacy and discomfort that one commonly associates with communal style accommodation” (Tradução Livre).



Fonte: (Ryan, 2013)

Figura 5: "The Pod", Formwerkz Architects, Singapura (1).



Fonte: (Ryan, 2013)

Figura 6: "The Pod", Formwerkz Architects, Singapura (2).

Apesar desta inovação, existem soluções mais tradicionais para resolver a questão da falta de privacidade, mas que não descaram a vertente estética, e os exemplos expostos infra refletem isso mesmo.

O “S&S Hostel”, situado em Lisboa, é um espaço que oferece quartos com 4, 6 e 10 camas. Como tal, torna-se inevitável a existência de desconhecidos no mesmo quarto. Para minimizar a sensação de observação, este *hostel* (à semelhança do que acontece com o “The Passenger Hostel”) colocou nos seus beliches cortinas (figura 7) que podem ser ajustadas consoante a vontade do utilizador. Apesar de ser uma solução precária, não deixa de ser pertinente pois, dessa forma, os clientes conseguem controlar o seu espaço de descanso e quem o invade. A cortina utilizada como barreira é um pormenor consensual entre quem gere e quem frequenta estes espaços partilhados.



Fonte: (S&S Hostel , s.d.)

Figura 7: Hostel "S&S", Lisboa, s.d.

Também no “Milhouse Hostel”, em Cusco, no Perú, se verifica uma solução mais tradicional, que consiste em minimizar a sensação de observação. Para isso recorrem à colocação de uma divisória com as dimensões necessárias e suficientes para resguardar, somente, a zona da cabeceira (figura 8).



Fonte: (Milhouse, s.d.)

Figura 8: Hostel "Milhouse", Cusco, Perú, s.d.

Por último, e embora o exemplo seguinte não seja direcionado para quartos partilhados por inúmeras pessoas é, indubitavelmente, uma estrutura capaz de garantir conforto e privacidade na hora do descanso, em espaços mais ou menos movimentados.

A “SleepBox” (figura 9) é uma peça de mobiliário desenvolvida em 2009, pelos arquitetos da Arch Group¹⁵. Esta caixa, garante aos viajantes um pequeno quarto em aeroportos e “permite que todos, em circunstâncias imprevistas, passem a noite em segurança e a baixo custo ou simplesmente que descansem algumas horas sem se desfazerem da bagagem”¹⁶ (Arch Group, 2009).

¹⁵ Arch Group é um *atelier* de arquitetura, fundado em Moscovo, em 2007, pelos arquitetos russos Mikhail Krymov e Alexey Goryainov.

¹⁶ “allows everybody in unforeseen circumstances to spend a night safely and inexpensively or simply to kill a few hours without leaving the luggage” (Tradução Livre).



Fonte: (Arch Group, 2009)

Figura 9: "SleepBox", Arch Group, Rússia, s.d.

CAPÍTULO TRÊS – FASE DE DESENVOLVIMENTO: CONCEPTUALIZAÇÃO

7 – Abordagem conceptual.

Como tem sido referido, a falta de privacidade em espaços partilhados traduz-se no desconforto dos residentes. O “Passenger Hostel” é um caso paradigmático, já que assegura aos seus clientes treliches com cortinas como forma de resolução do problema e esse é um ponto a ter em consideração por parte dos clientes, na hora de reservar quarto.

Porém, apesar da preocupação dos estabelecimentos em apresentar soluções que garantam aos seus clientes um serviço mais eficaz nesse aspeto, ainda não se verificam, em Portugal, respostas que aliem a privacidade à vertente estética.

A cama é a peça de mobiliário que melhor reflete a indisponibilidade dos utilizadores para partilhar a sua privacidade com desconhecidos, pelo que se procurou desenvolver uma solução para o facto de as pessoas se sentirem constantemente observadas no período de descanso.

8 – Estudos de forma e de escala.

A entrevista a Tomás Graça foi particularmente interessante para o estabelecimento de alguns requisitos de projeto, desde logo a necessidade de a peça a desenvolver ser robusta e capaz de resistir às diferentes constituições físicas de eventuais utilizadores.

Tanto nos *hostels* como nas residências para estudantes, os locais para guardar os pertences são, em muitos casos, reduzidos ou inexistentes. Com a análise dos inquéritos pode-se apurar que a insegurança para com os bens pessoais foi apontada como a segunda maior debilidade em espaços partilhados. Para além disso, à questão “O que sente falta no espaço físico do quarto?”, “armários” e “cacifos” foram aspetos focados pelos mesmos. Atendendo a esta fragilidade, optou-se por desenvolver um espaço, amplo, dentro do próprio módulo, onde os utilizadores pudessem guardar os seus pertences.

Nas figuras 10 e 11 ilustram as diversas tentativas que conduziram à solução final.

Para além disso, foram desenvolvidos alguns padrões, mais ou menos geométricos, como forma de atribuir ao módulo projetado um carácter decorativo e algum dinamismo. Previa-se que o padrão escolhido fosse colocado nas portas de correr, por ser a zona com maior impacto visual.

A pesquisa pelo padrão adequado teve início através do decalque de algumas texturas existentes no nosso quotidiano que, posteriormente, foram simplificadas e trabalhadas em *software* 3D.

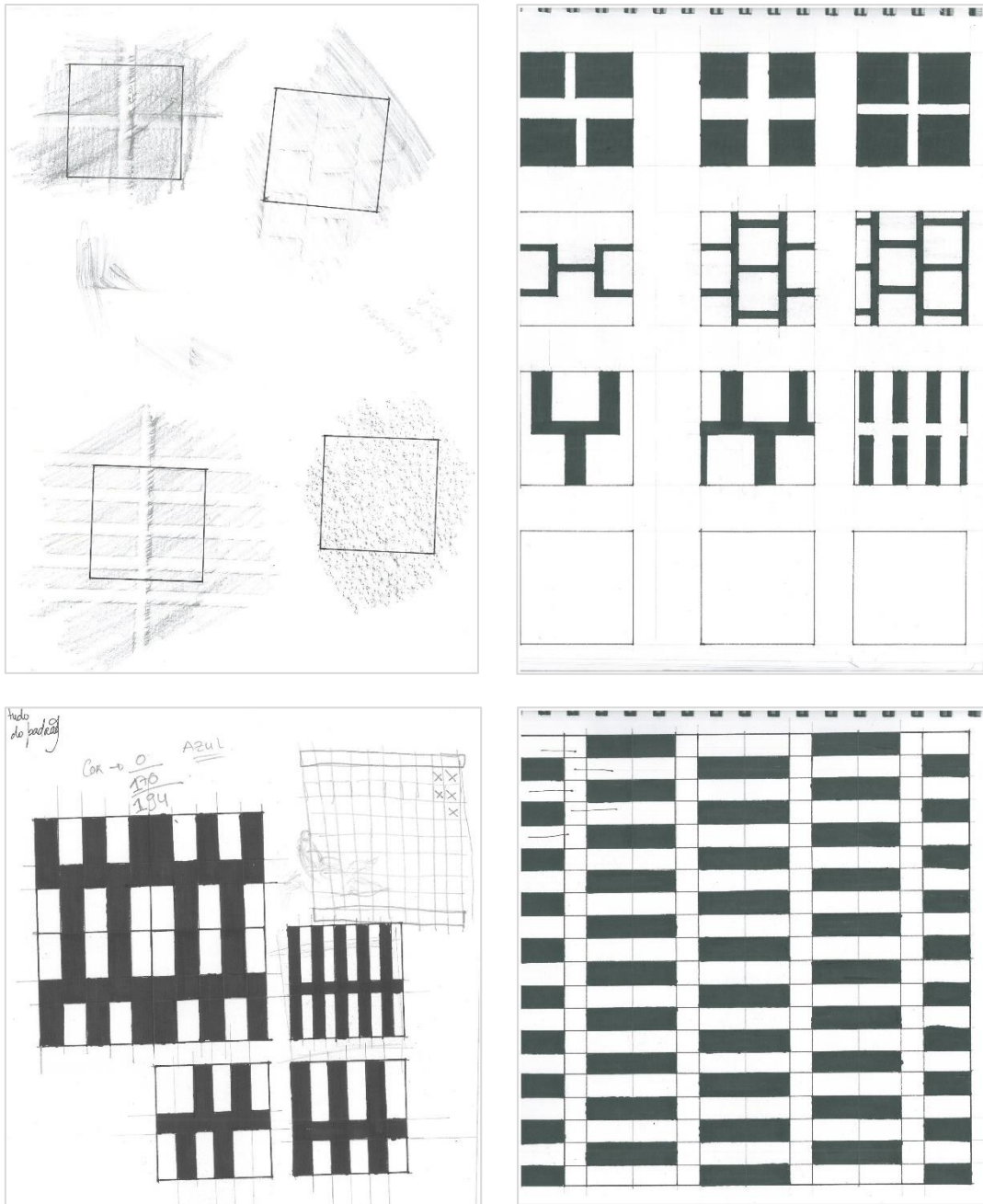


Figura 12 - Primeiros padrões desenvolvidos para as portas de correr.

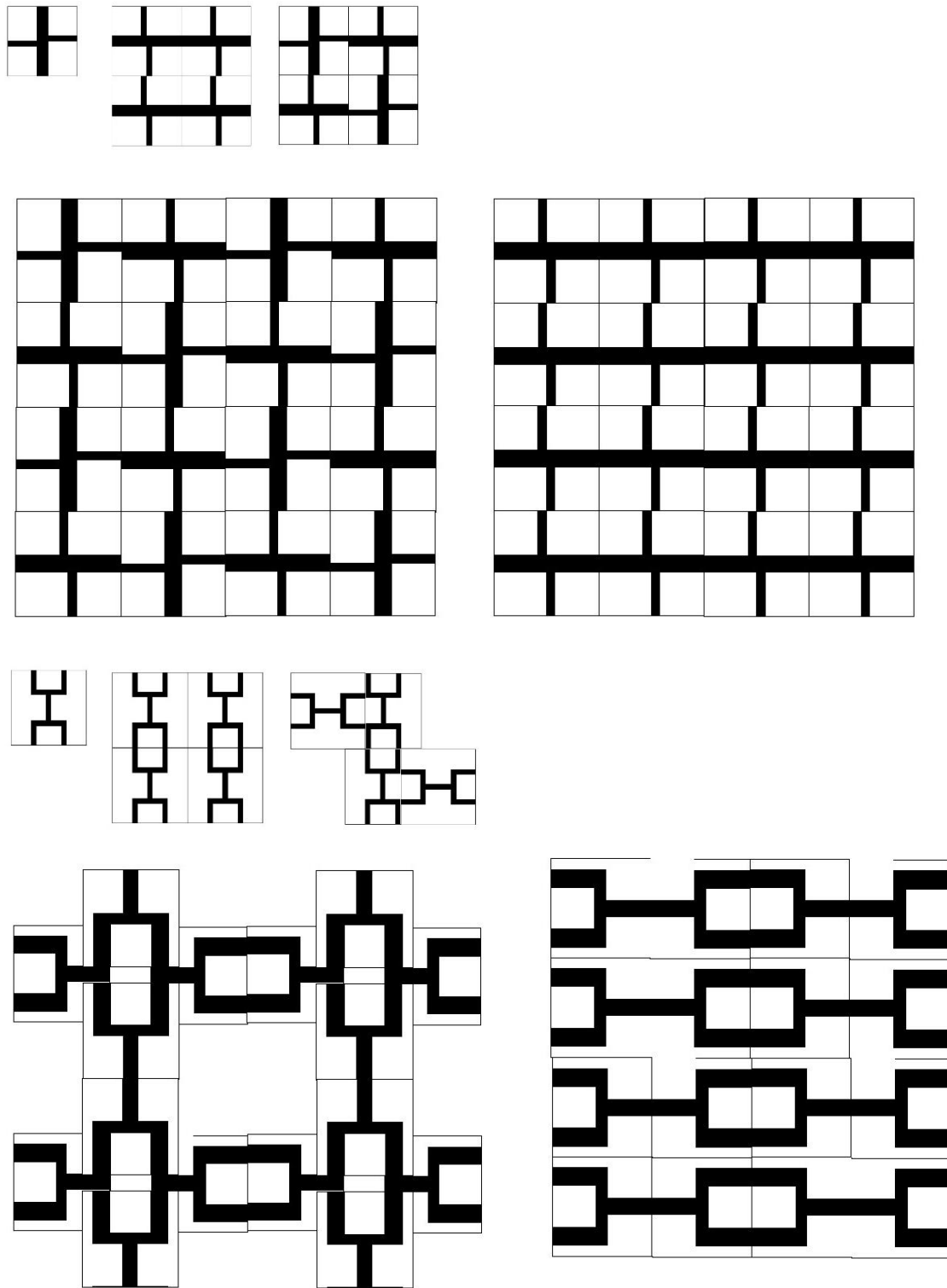


Figura 13 - Padrões desenvolvidos para as portas de correr.

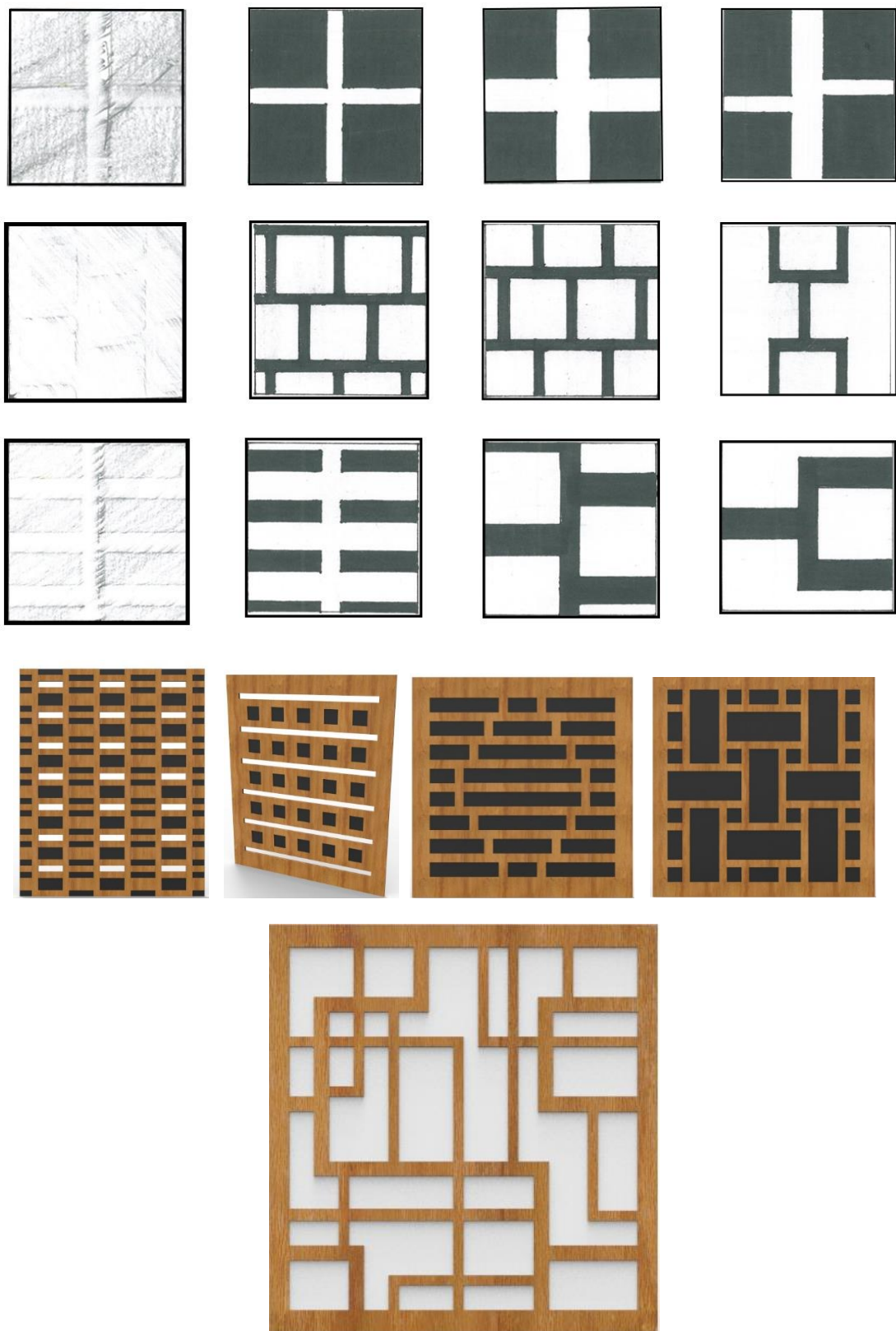


Figura 14 - Padrões que conduziram à solução projetual.

CAPÍTULO QUATRO – FASE FINAL: PROPOSTA PESSOAL DE DESIGN

9 - Simulações 3D, fotomontagens e maquete.

Tendo em conta que a rentabilização do espaço disponível, por parte da gerência dos locais de alojamento, e o aumento dos lucros são fatores que não podem, de todo, ser descurados, procurou-se desenvolver um módulo, empilhável, que permitisse aos *hostels* e residências para estudantes oferecer aos seus clientes uma cama simples, um beliche e, em último caso, um treliche.

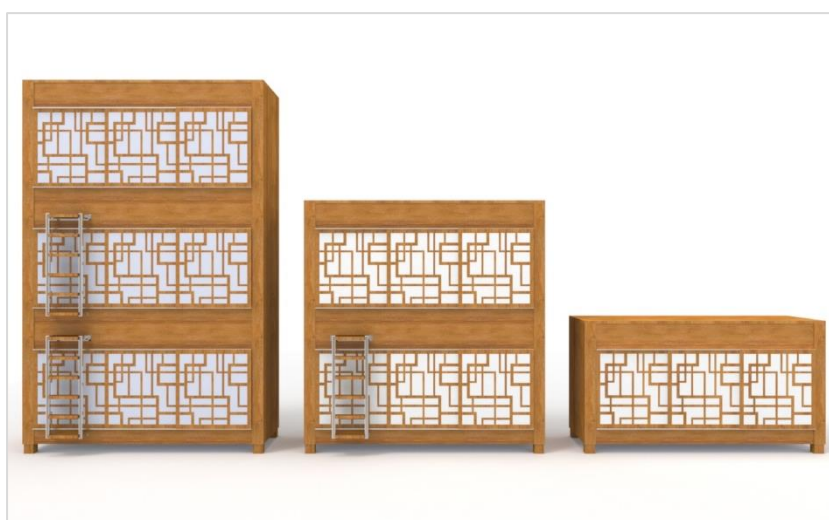


Figura 15: Módulo nas três opções de montagem (vista frontal).



Figura 16: Escala humana em relação ao beliche.



Figura 17: Interior do módulo.



Fotografia 5 -Escala humana em relação à maquete.



Fotografia 6 -Maquete final (vista isométrica).



Fotografia 7: Maquete final (vista frontal).

9.1 - Questões técnicas do projeto.

As peças do módulo estão pensadas para serem concebidas em MDF, folheado com madeira de carvalho. Acrescenta-se, que o interior das laterais do módulo será composto por quatro traves de madeira maciça para garantir a sua robustez e segurança.

No caso de serem montados beliches ou treliches, prevê-se a colocação de escadas para acesso aos módulos superiores.

Importa, ainda, esclarecer que a opção pessoal pelo desenho de um módulo empilhável deve-se, sobretudo, às dimensões das estruturas habitacionais existentes e à necessidade de rentabilização do espaço. Com efeito, todas as medidas do módulo permitem que, dependendo da altura da divisão, possam ser colocados mais de dois módulos; colocou-se, porém, um limite de três módulos empilhados por motivos de segurança e durabilidade do mobiliário.

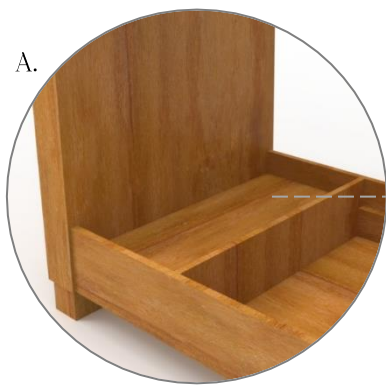
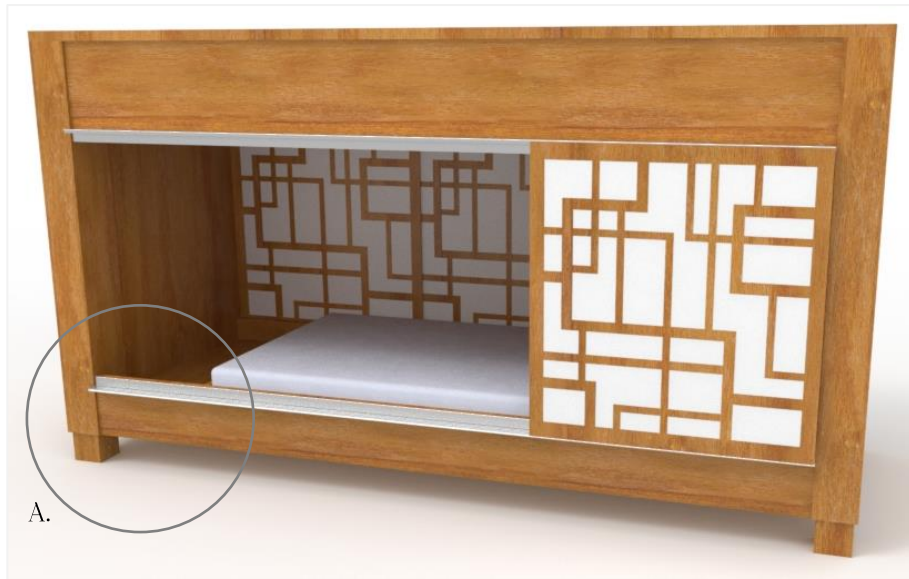
Para além disso, foram desenvolvidas três portas de correr alinhadas sobre duas calhas em perfil de alumínio (uma superior e outra inferior). A utilização deste sistema de portas como solução, deve-se à simplicidade com que podem ser deslocadas e, desta forma, garantem, nos pisos superiores, maior facilidade ao acomodar a bagagem no espaço a ela destinado.

Contudo, procurou-se ir mais além e dar resposta a outra problemática relacionada com a privacidade: o ruído. Sejam sons voluntários ou involuntários, nestes locais de alojamento a propagação do som pode causar mal-estar e desconforto.

Após se realizar uma pesquisa no ramo dos painéis acústicos, verificou-se que a eliminação completa da propagação do som seria impossível atendendo às dimensões do módulo e espessura do painel acústico. No entanto, seria viável a utilização de um painel que, pelo menos, minimizasse a intensidade do som.

A solução apresentada é inspirada nos painéis acústicos da empresa ArtNovion¹⁷. Usando um painel acústico menos espesso, folheado em madeira MDF com um design contemporâneo, seria possível reduzir a propagação do som e, ao mesmo tempo, garantir privacidade num espaço partilhado por várias pessoas.

¹⁷ ArtNovion Acoustics é uma empresa portuguesa que se dedica à conceção de painéis acústicos.



Zona destinada
a bagagens.

Figura 18: Pormenor na zona destinada às bagagens.

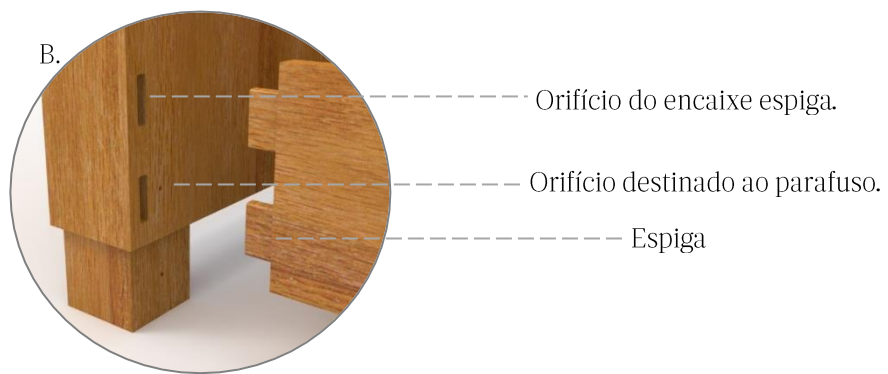
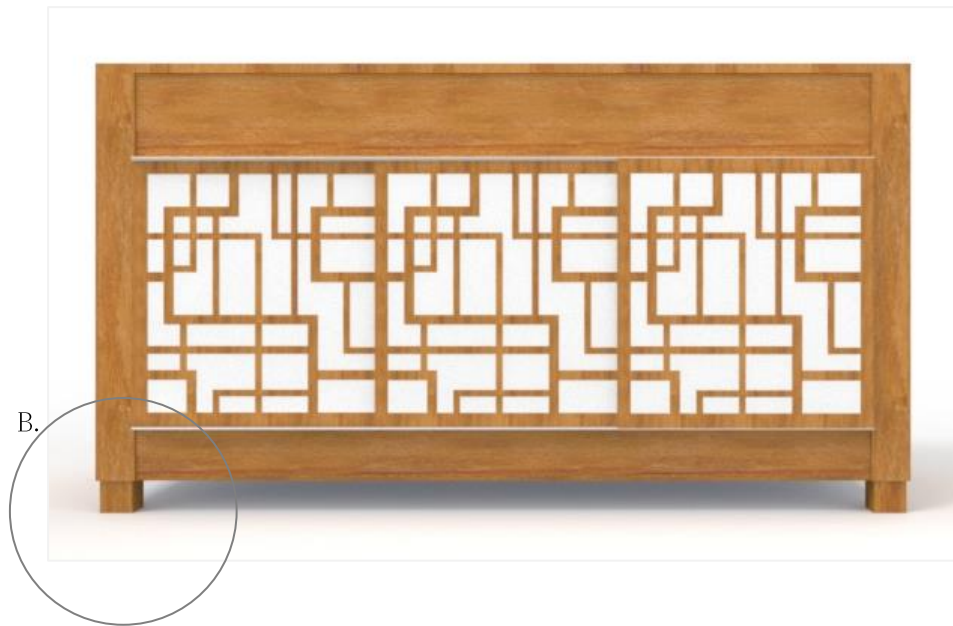


Figura 19: Método de encaixe (método com espiga).

CONCLUSÃO

O presente relatório de projeto, denominado “O contributo do design para a privacidade em espaços partilhados”, teve como principal objetivo o desenvolvimento de uma peça de mobiliário capaz de garantir, aos utilizadores, privacidade num espaço partilhado por várias pessoas.

O aumento do turismo levou a que, ao longo dos anos, fossem construídos vários edifícios destinados ao alojamento local. Como foi possível constatar no primeiro capítulo, a existência destes espaços vem acompanhando a crescente procura por locais alternativos aos hotéis para pernoitar. Já as residências para estudantes garantem que os estudantes deslocados possam ter um local onde morar durante o período letivo.

A pesquisa bibliográfica, bem como o conhecimento empírico existente sobre as vivências em *hostels* e em residências para estudantes, permitiram destacar algumas debilidades em ambos os locais.

Efetivamente, devido ao reduzido preço praticado por estes espaços, verifica-se um aumento do número de camas por quarto, já que dessa forma os estabelecimentos de alojamento local garantem a sua margem de lucro. Este aspeto conduz-nos, imediatamente, a um dos vários pontos negativos destes locais: um número acrescido de pessoas por quarto é sinónimo de diminuição da privacidade de cada indivíduo. Com efeito, procurou-se perceber como é que o design, e particularmente o design de mobiliário, poderia dar resposta a esta problemática e é neste ponto que o estado da arte assume um papel de destaque: primeiro, porque se corrobora a ideia de que o design é uma disciplina capaz de dar resposta a esta problemática e, depois, porque constatamos que, afinal, esta é um foco de estudo em expansão.

Nos dois locais estudados, *hostels* e residências para estudantes, foi possível constatar que o quarto é a divisão a que mais se associa o conceito de “privacidade” e que a cama é, na verdade, a peça de mobiliário que mais remete para a individualidade de cada utilizador.

Em suma, o presente relatório advém da junção entre o gosto pessoal pela área do mobiliário e o conhecimento empírico sobre as debilidades, ao nível da privacidade, existentes nos espaços partilhados e resulta numa tentativa de resposta à nossa questão de investigação. Esta tentativa materializou-se numa proposta projetual que se baseia

num sistema modular empilhável que, embora continue a permitir um número vasto de utilizadores por quarto, disponibiliza, simultaneamente, um espaço particular e tranquilo a cada um deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"albergue", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://dicionario.priberam.org/albergue> [consultado em 30 de outubro de 2018].

"privacidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/privacidade> [consultado em 22 de novembro de 2018].

"privacidade", in Dicio - Dicionário Online de Português [em linha], <https://www.dicio.com.br/privacidade/> [consultado em 22 de novembro de 2018].

Advogados, O. d. (janeiro de 2019). Constituição da República Portuguesa - Direitos Fundamentais. Obtido de Ordem do Advogados: <https://portal.oa.pt/cidadaos/direitos-dos-cidadaos-instrumentos-fundamentais/constituicao-da-republica-portuguesa/>

Arch_Group. (2009). SLEEPBOX. Obtido de Arch Group: <http://arch-group.com/projects/16>

ASAE. (outubro de 2016). O HOSTEL - Estabelecimentos de Alojamento Local. Obtido de Asae - Autoridade de Segurança Alimentar e Económica: <https://www.asae.gov.pt/newsletter2/asaenews-n-102-outubro-2016/o-hostel-estabelecimentos-de-alojamento-local.aspx>

Conte, M. (12 de janeiro de 2018). Emirates revela novas suítes privadas da Primeira Classe. Obtido de Casa Claudia: <https://casaclaudia.abril.com.br/viagem/emirates-revela-novas-suites-privativas-da-primeira-classe/>

Cunha, L. (2003). Introdução ao Turismo (Vol. 2ª Edição). Editorial Verbo.

Cunha, L. (2006). Economia e Política do Turismo. Editorial Verbo.

Flynn, D. (22 de janeiro de 2019). Confirmed: here is Turkish Airlines' new business class seat. Obtido de Australian Business Traveller: <https://www.ausbt.com.au/photos-turkish-airlines-new-business-class-seat-boeing-787-airbus-a350>

International, H. (s.d.). Our Story. Obtido em 07 de janeiro de 2019, de Hostelling International: <https://www.hihostels.com/pages/534>

Milhouse. (s.d.). Cusco. Obtido de Milhouse: <https://milhousehostel.com/en/cusco-rooms.html>

Pereira, A. (novembro de 2014). O valor da privacidade: o caso das audiências da Casa dos Segredos. Lisboa, Portugal: Escola Superior de Comunicação Social. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.21/4314>

Porto, P. (04 de fevereiro de 2019). Alojamento. Obtido de P. Porto: <https://www.sas.ipp.pt/alojamento>

Portugal, T. d. (s.d.). Alojamento Local - Regime Jurídico. Obtido em 31 de outubro de 2018, de Turismo de Portugal: <http://business.turismodeportugal.pt/SiteCollectionDocuments/alojamento-local/guia-alojamento-local-out-2018.pdf>

Portugal, T. d. (s.d.). Estabelecimentos de Alojamento Local. Obtido em 02 de novembro de 2018, de Turismo de Portugal: http://business.turismodeportugal.pt/pt/Planear_Iniciar/Como_comecar/Alojamento_Local/Paginas/default.aspx

Ryan. (2013). The Pod, by Formwerkz Architects. Obtido em 21 de janeiro de 2019, de InDesignLive: <https://www.indesignlive.sg/projects/the-pod-by-formwerkz-architects>

S&S Hostel . (s.d.). Obtido de Booking.com: <https://www.booking.com/hotel/pt/s-amp-s-hostel.pt-pt.html>

Santos, M. (03 de março de 2015). Saiba como é se hospedar em um hotel cápsula no Japão. Obtido de Mídia Turis: <http://www.midiaturis.com.br/saiba-como-e-se-hospedar-em-um-hotel-capsula-no-japao/>

Saraiva, A. (2013). Hostels Independentes: o caso de Lisboa. Portugal: Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. Obtido em 31 de outubro de 2018, de <http://hdl.handle.net/10400.26/4425>

Sousa, A. (2017). Geração Y e o alojamento local: o caso do Aveiro Rossio Hostel. Aveiro, Portugal: Universidade de Aveiro. Obtido em 31 de outubro de 2018, de <http://hdl.handle.net/10773/23092>

SPRU. (2017). Quem Somos. Obtido de SPRU - Residências Universitárias: <http://spru.pt/quem-somos-2/>

The_Passenger_Hostel. (s.d.). Serviços e Comodidades. Obtido em 13 de fevereiro de 2019, de The Passenger Hostel: <https://thepassengerhostel.com/show.php?ref=services-facilities>

ANEXOS

ANEXO A – Inquérito exploratório



Com este inquérito pretende-se recolher informações acerca da experiência dos utilizadores de espaços de descanso partilhados. Este instrumento metodológico enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Design, da ESMAD – Escola Superior de Media, Artes e Design, do Politécnico do Porto.

Todas as informações recolhidas serão mantidas em confidencialidade e os dados obtidos serão usados apenas para interpretação de resultados. Por favor responda com sinceridade pois não há respostas corretas ou incorretas. A sua opinião é muito importante. Obrigado pela colaboração.

Assinale, sempre que possível, com um X.

1 - Indique a sua idade: _____

2 - Indique o seu sexo:

Feminino Masculino

3 - Com que frequência frequenta, anualmente, espaços de descanso partilhados (ex. hostels, dormitórios, camaratas)?

0 vezes por ano 1 a 5 vezes por ano 6 a 10 vezes por ano

11 ou mais vezes por ano

4 - Quando frequenta estes estabelecimentos costuma dividir quarto com:

Conhecidos Desconhecidos

5 – Quando frequenta estes estabelecimentos costuma optar por quartos:

Mistos Mesmo sexo

6 - Já passou por alguma situação desagradável nos quartos desses locais?

Sim Não

7 – Na sua opinião, quais são os pontos negativos na partilha de quarto com desconhecidos?

8 – Relativamente ao espaço físico do quarto ou ao mobiliário, existe algo que lhe faz falta?

Muito obrigado pela sua ajuda!

ANEXO B – Dados estatísticos recolhidos com base nas respostas ao inquérito exploratório

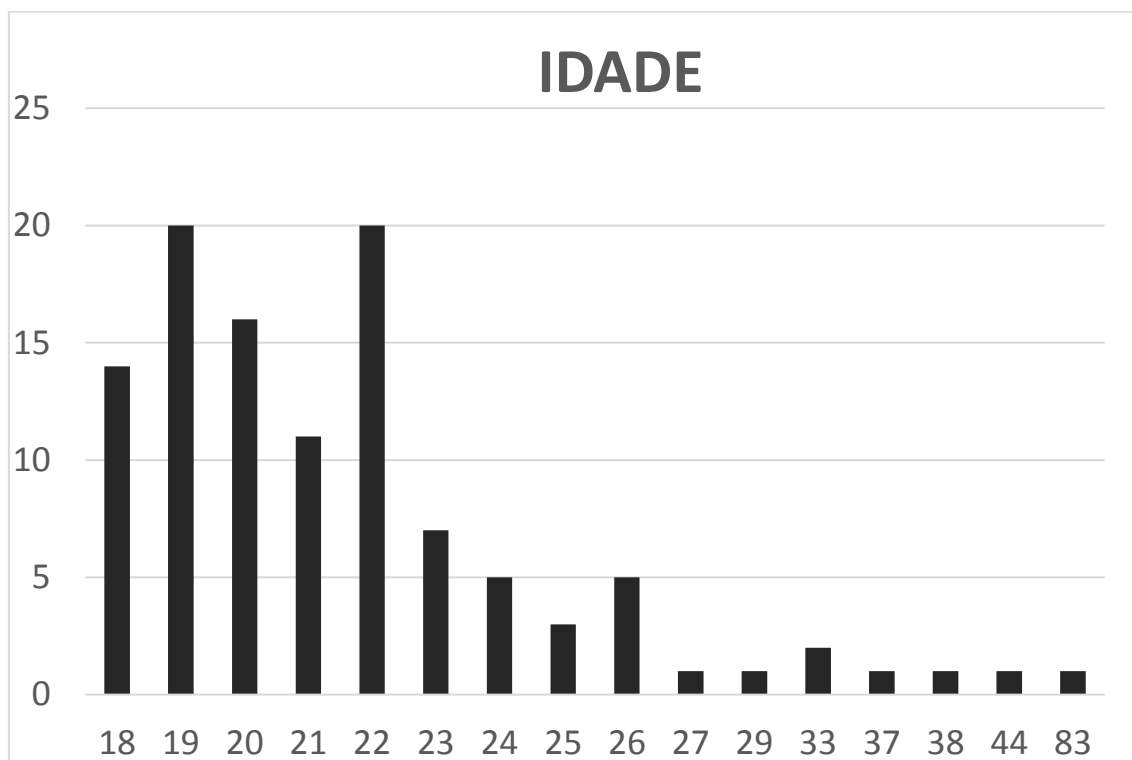


Gráfico 2: Idades dos inquiridos.

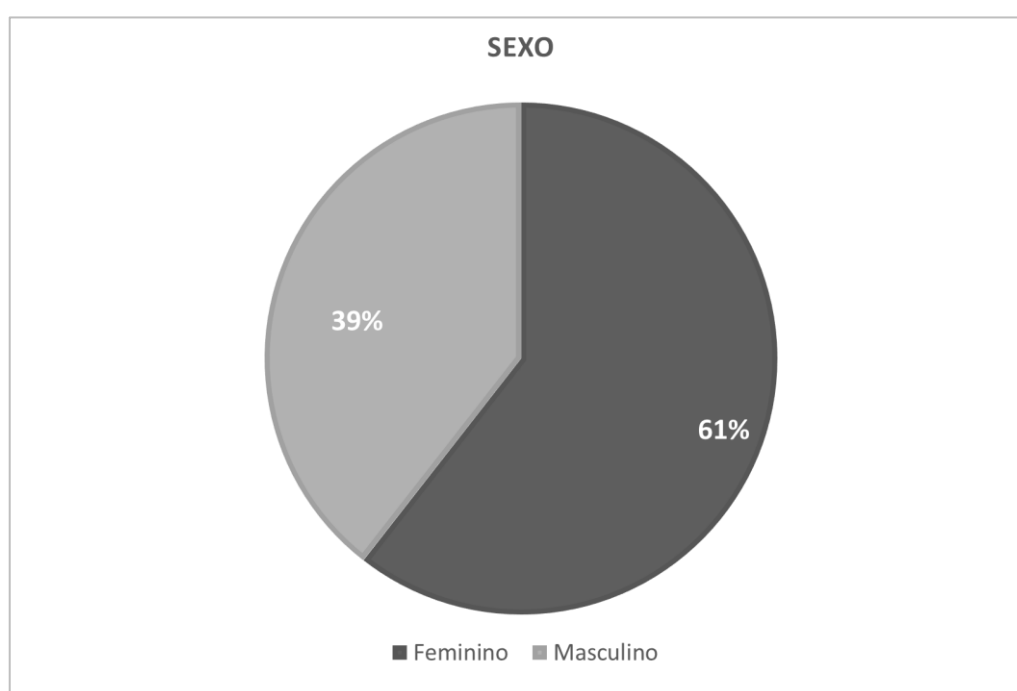
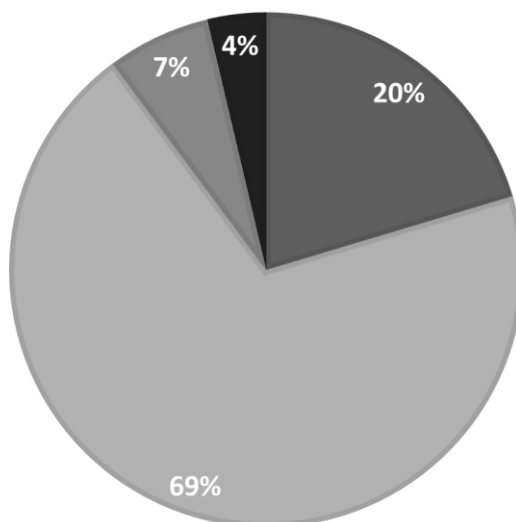


Gráfico 3: Género dos inquiridos.

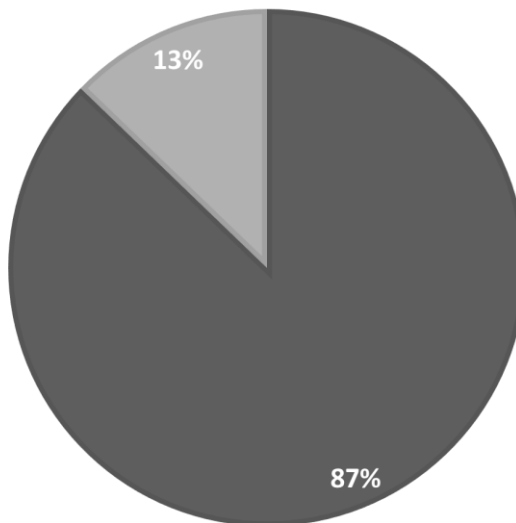
QUANTAS VEZES FREQUENTA ESPAÇOS PARTILHADOS?



■ 0 vezes por ano ■ 1 a 5 vezes por ano ■ 6 a 10 vezes por ano ■ 11 ou mais vezes por ano

Gráfico 4: Número de vezes que os inquiridos frequentam espaços partilhados.

COSTUMAR PARTILHAR O QUARTO COM:



■ Conhecidos ■ Desconhecidos

Gráfico 5: Partilha de quarto dos inquiridos com conhecidos/desconhecidos.

FREQUENTA QUARTOS:

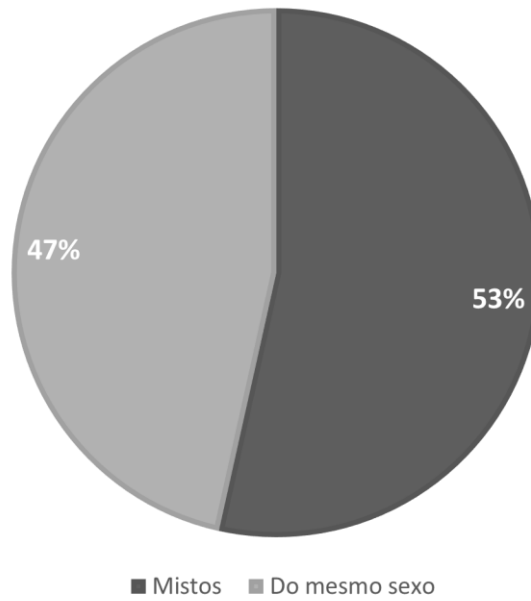


Gráfico 6: Frequência de quartos mistos/de pessoas do mesmo sexo, por parte dos inquiridos.

JÁ PASSOU POR ALGUMA SITUAÇÃO DESAGRADÁVEL?

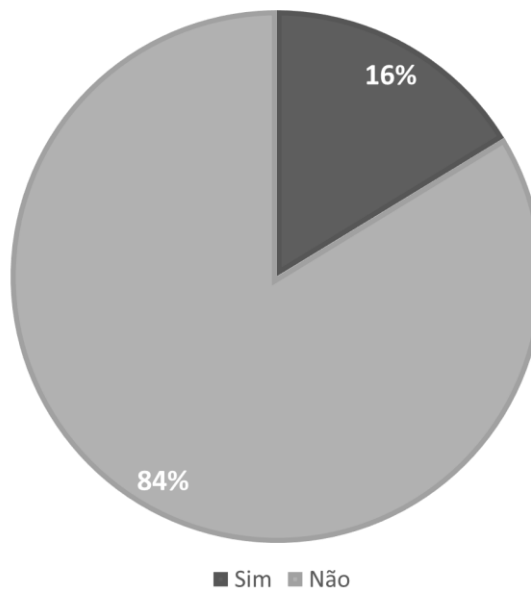


Gráfico 7: Vivência de alguma situação desagradável por parte dos inquiridos.

QUAIS OS PONTOS NEGATIVOS NA PARTILHA DE ESPAÇO COM DESCONHECIDOS?

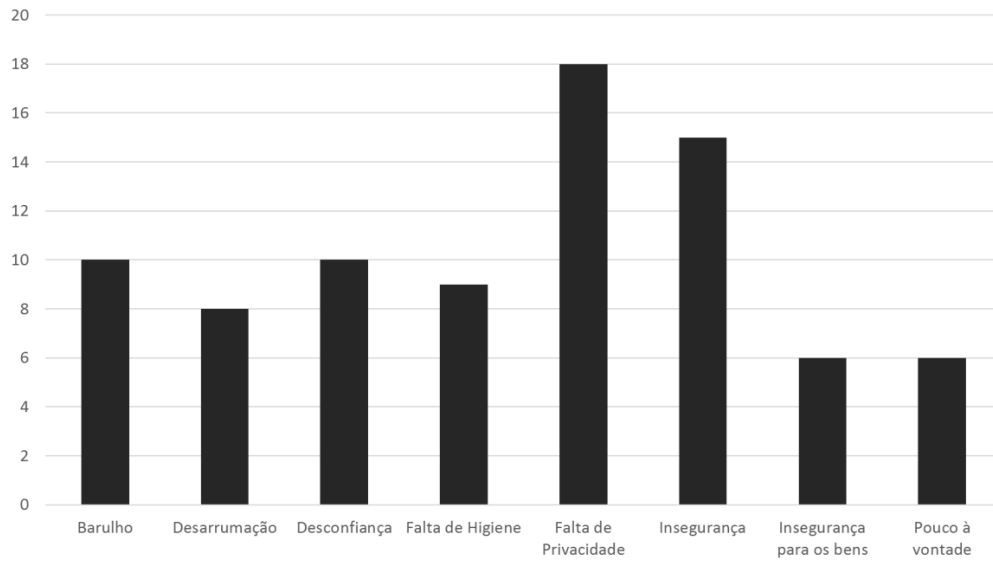


Gráfico 8: Aspectos negativos apontados pelos inquiridos na partilha de espaço com desconhecidos.

O QUE SENTE FALTA NO ESPAÇO FÍSICO DO QUARTO?

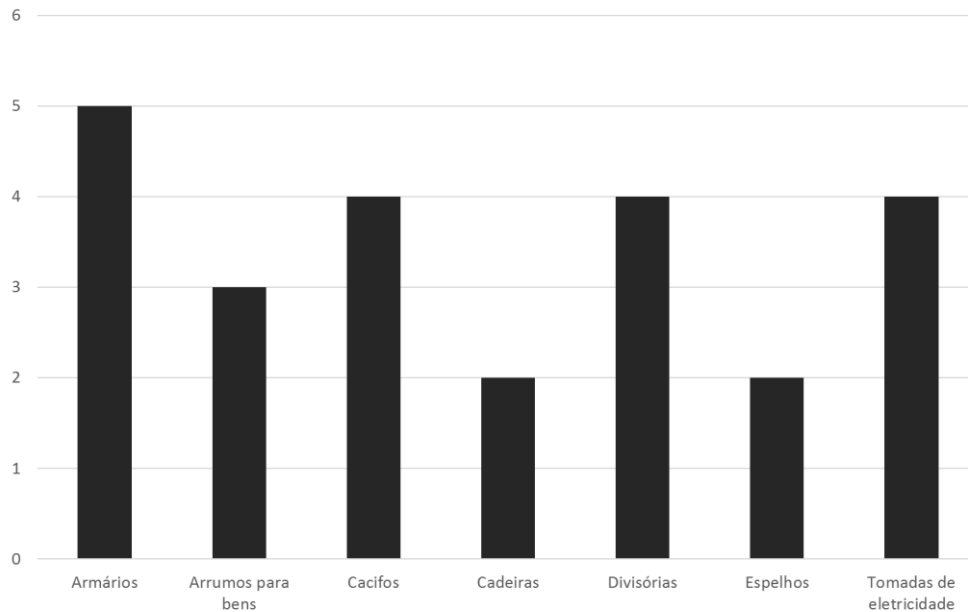


Gráfico 9: Limitações dos quartos, de acordo com o entendimento dos inquiridos.

ANEXO C – Transcrição da entrevista a Tomás Graça, diretor do “Passenger Hostel”

Local: Instalações do “Passenger Hostel”, Porto.

Data: Fevereiro de 2019

Hora: 14h

Mestrando: Que tipos de quartos estão disponíveis no seu estabelecimento, individuais, duplos, triplos ou outros?

Tomás Graça: Existem quartos privados, com capacidade para quatro pessoas, um quarto para cinco pessoas e outro apenas com espaço para três. Também temos quartos partilhados, todos com capacidade para 10 pessoas, exceto um que pode albergar 12 pessoas.

Mestrando: Os quartos disponibilizados pelo seu *hostel* são maioritariamente frequentados por conhecidos ou desconhecidos?

Tomás Graça: Temos as duas vertentes, pessoas que marcam a cama e pessoas que viajam com amigos. Temos também pedidos de grupo, onde nos contactam diretamente e têm especificações como dividirem o mesmo dormitório ou ficarem com o dormitório só para eles, mesmo que não ocupem as camas todas.

Mestrando: Então a tendência será mais a partilha de quarto com conhecidos?

Tomás Graça: Eu diria que é mais o oposto, pessoas que viajam sozinhas ou em pares.

Mestrando: Durante a construção do *hostel*, e mesmo na atualidade, o tema privacidade fez parte das vossas preocupações?

Tomás Graça: Fez, fez parte das nossas preocupações. As camaratas foram pensadas, sobretudo as camas, para garantirem alguma privacidade mesmo estando num quarto partilhado. Nós colocamos algumas cortinas, que tapam a maior parte da cama e garantem alguma privacidade extra num quarto partilhado com pessoas desconhecidas ou mesmo conhecidas, gostamos sempre de ter a nossa privacidade.

Mestrando: Qual tem sido o *feedback* dos seus clientes relativamente à privacidade, ou falta dela, nos quartos partilhados?

Tomás Graça: Tem sido muito bom, é uma coisa que as pessoas procuram. Eu, por exemplo, quando viajo, também procuro um *hostel* que tenha cortinas.

Mestrando: Que soluções estão implementadas no seu espaço para garantir privacidade, nos quartos?

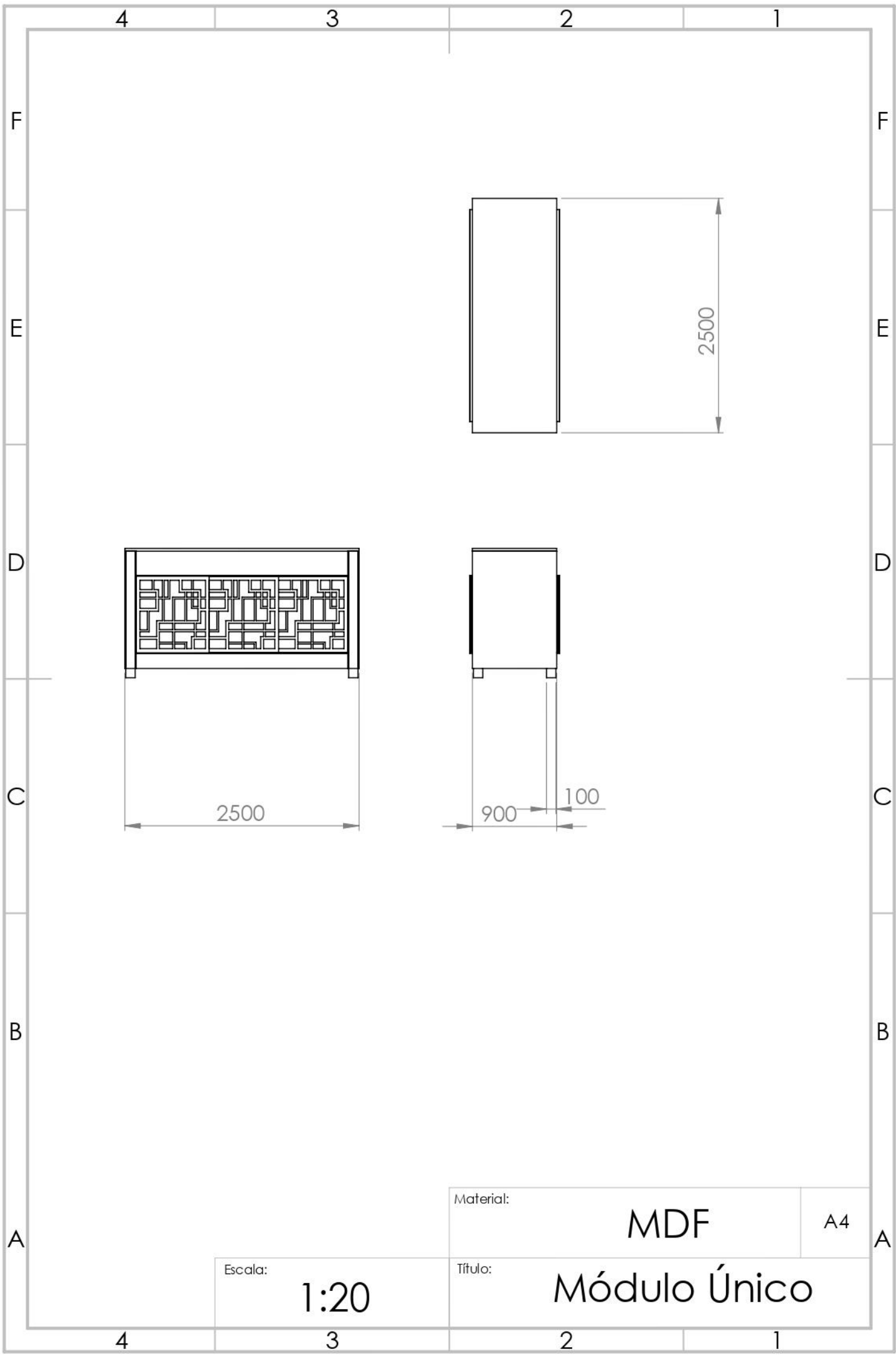
Tomás Graça: Apenas as cortinas.

Mestrando: A nível do design de mobiliário, existe algum elemento diferenciador?

Tomás Graça: O mobiliário foi feito à medida para nós, são treliches, dado à altura do teto, algo inexistente até à data. Mandamos fazer uns beliches à medida, com uma estrutura sólida, o que, de certa forma, pode ser interpretado como uma forma de publicidade. Independentemente do que estão a fazer na cama superior quem está em baixo não sente, a estrutura é forte. Mas a nível de privacidade, propriamente falando, é só a cortina.

ANEXO D – Desenhos técnicos

(Todas as dimensões apresentadas encontram-se em milímetros.)



4

3

2

1

F

F

E

E

D

D

C

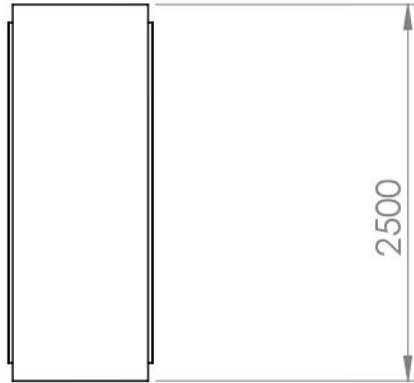
C

B

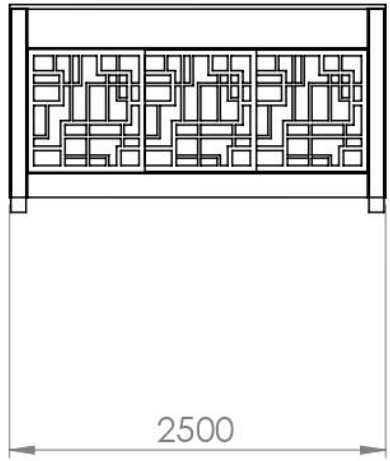
B

A

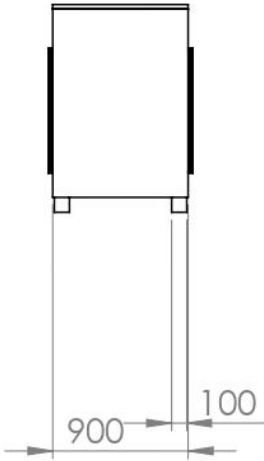
A



2500



2500



900

100

Material:

MDF

A4

Escala:

1:20

Título:

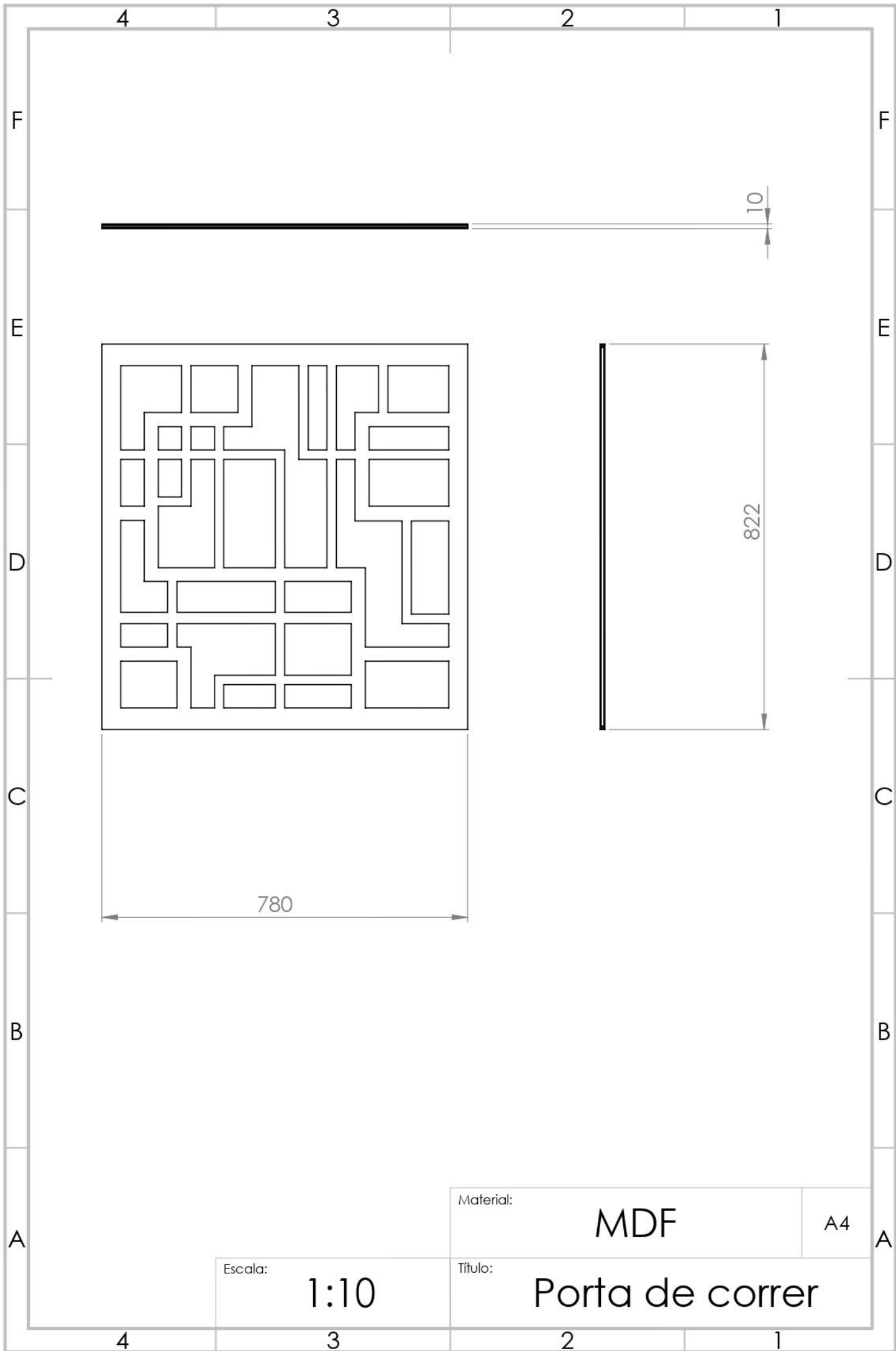
Módulo Único

4

3

2

1



4

3

2

1

F

F

10

E

E

822

D

D

C

C

780

B

B

A

A

4

3

2

1

Material:

MDF

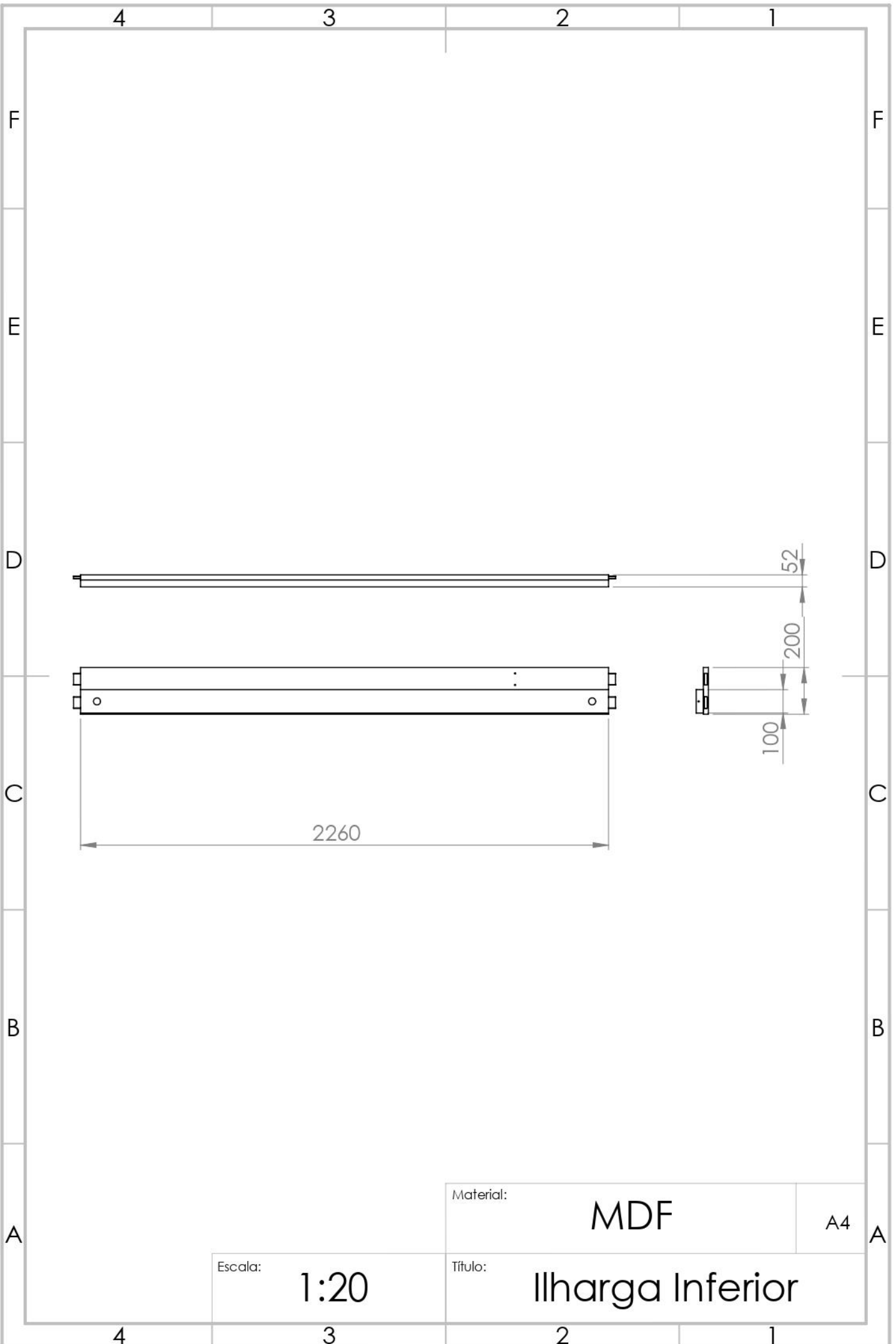
A4

Escala:

1:10

Título:

Porta de correr



4

3

2

1

F

F

E

E

D

D

C

C

B

B

A

A

52

200

100

2260

Material:

MDF

A4

Escala:

1:20

Título:

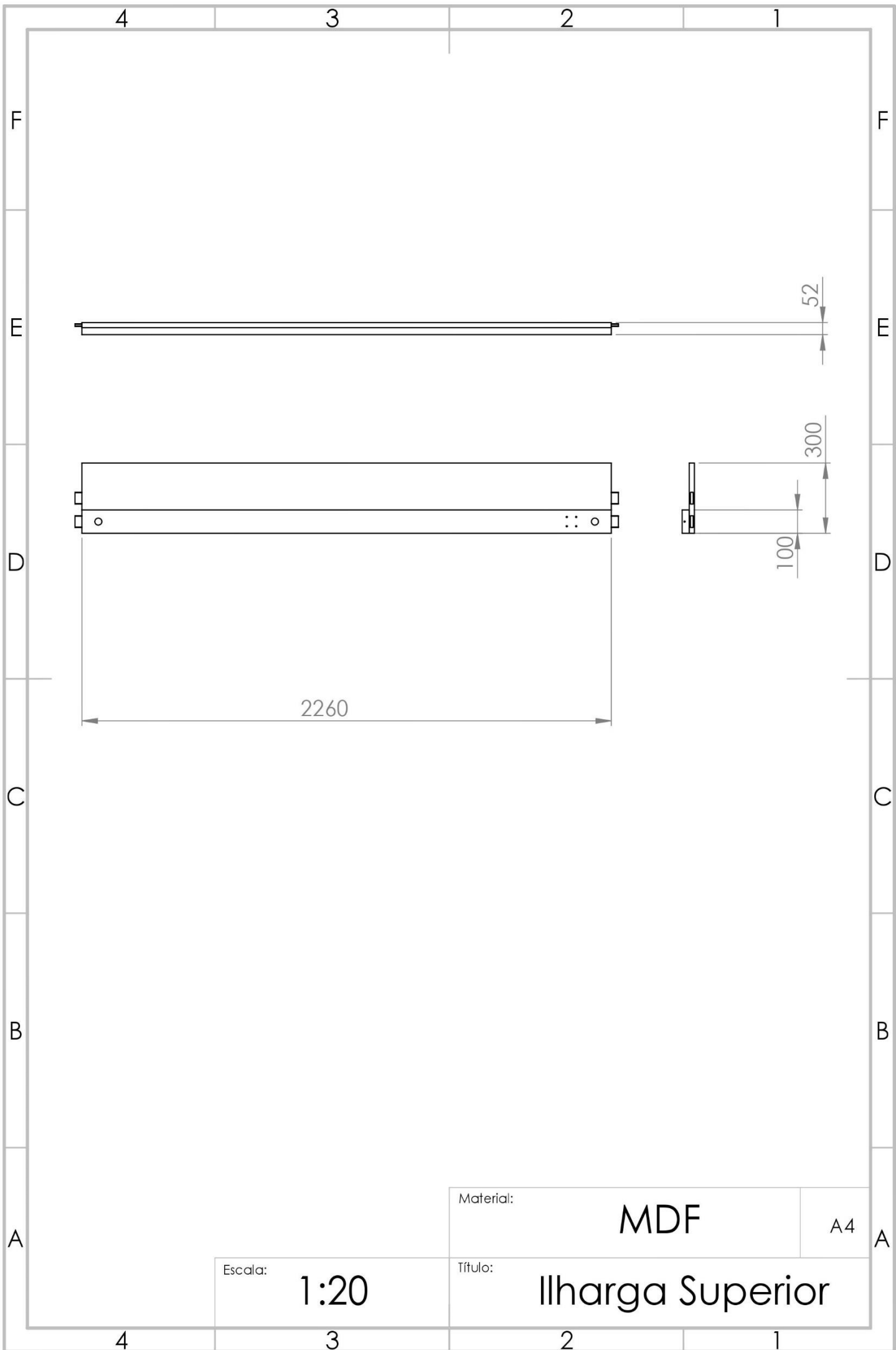
Ilharga Inferior

4

3

2

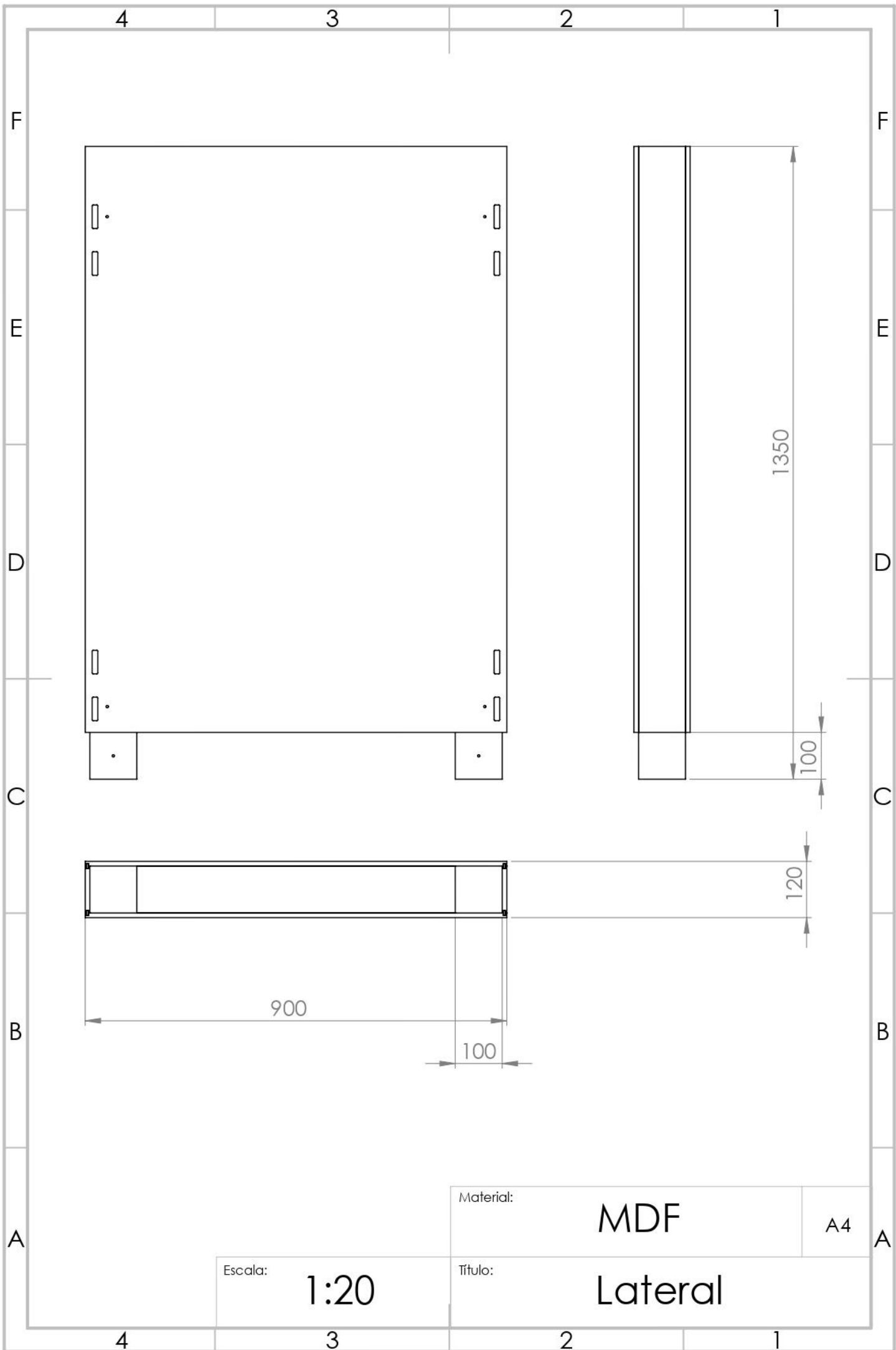
1



Material: **MDF** A4

Escala: **1:20**

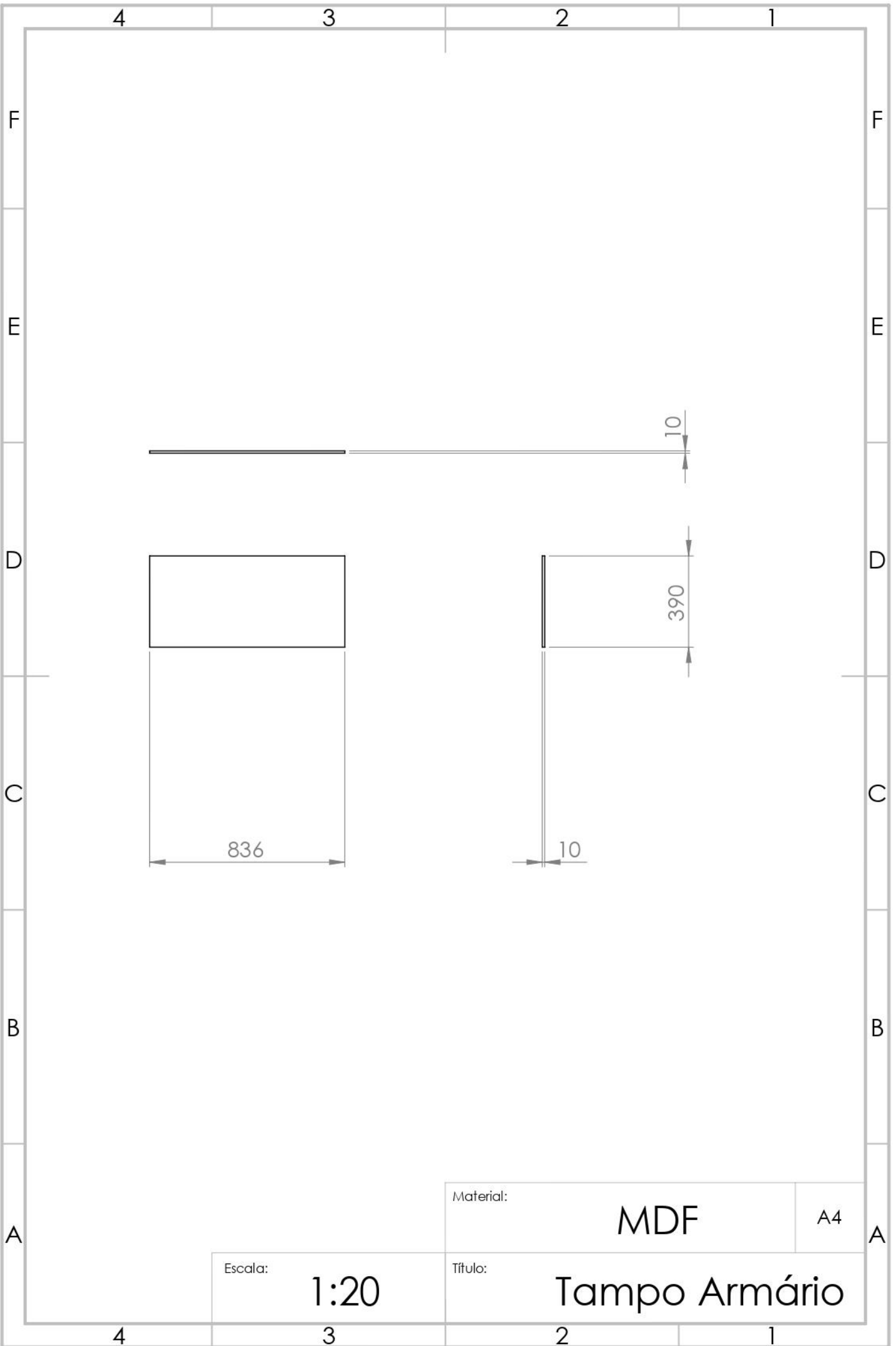
Título: **Ilharga Superior**



Material: **MDF** A4

Escala: **1:20**

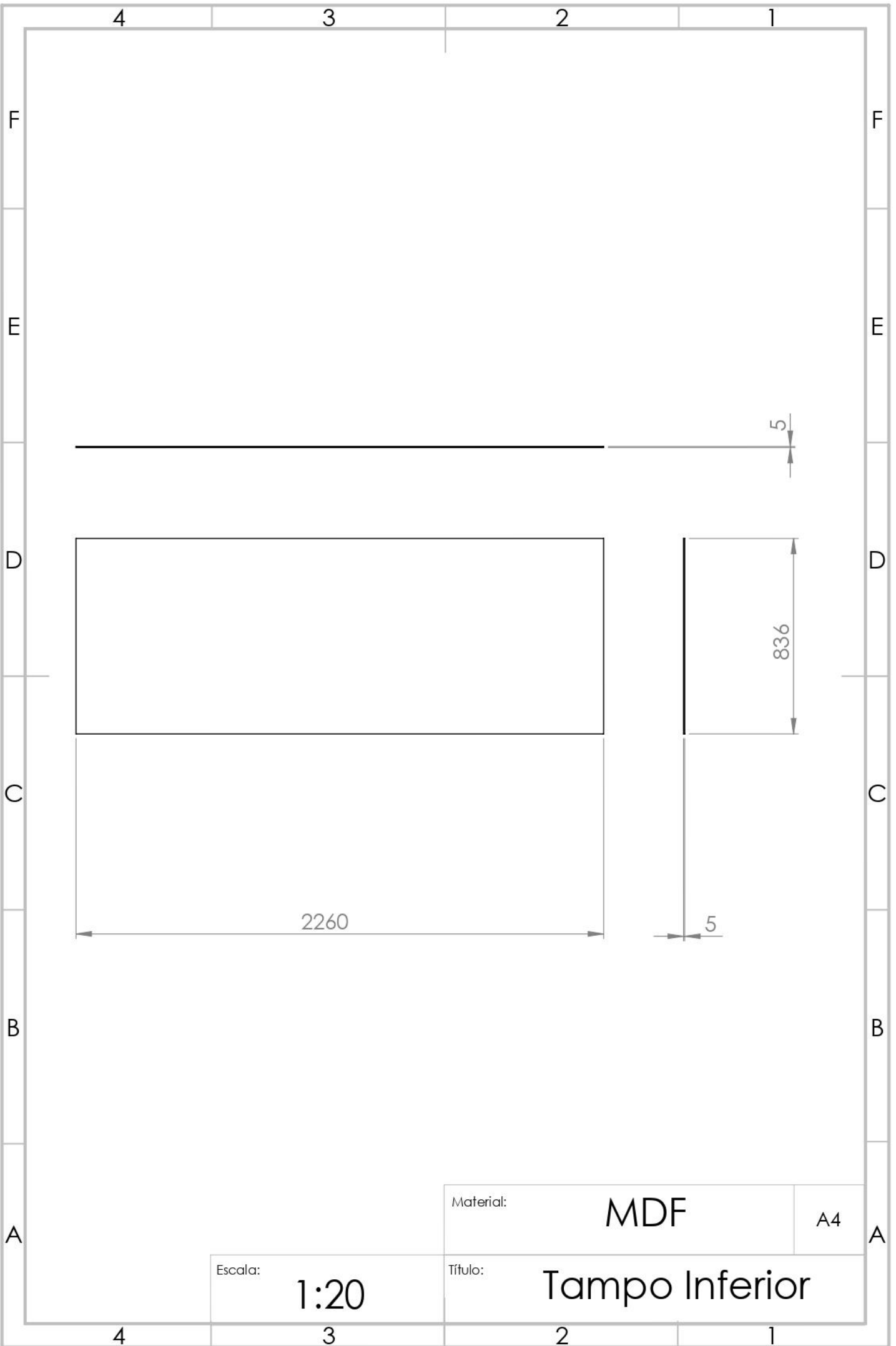
Título: **Lateral**



Escala: 1:20

Material: MDF A4

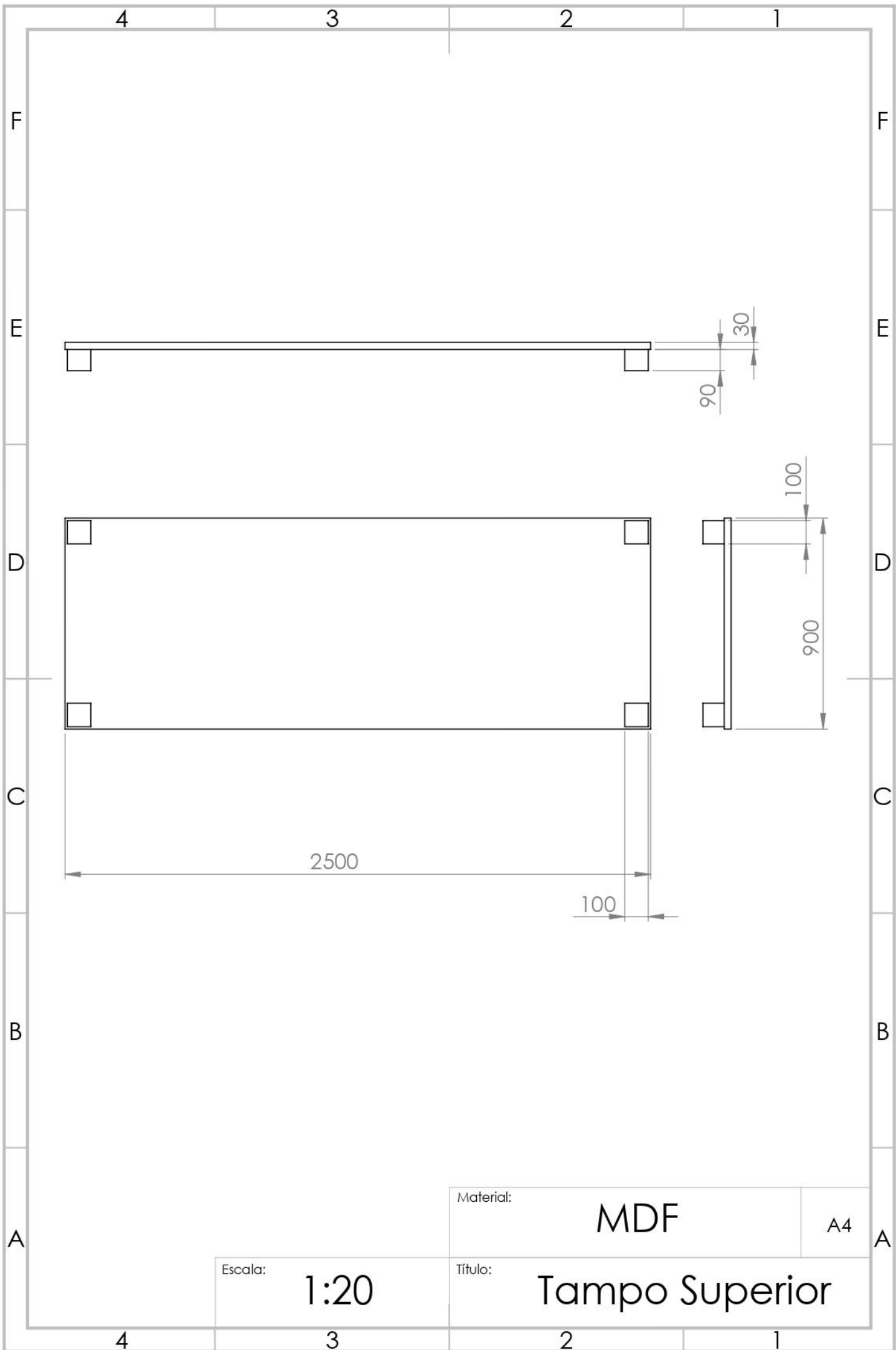
Título: Tampo Armário



Material: **MDF** A4

Escala: **1:20**

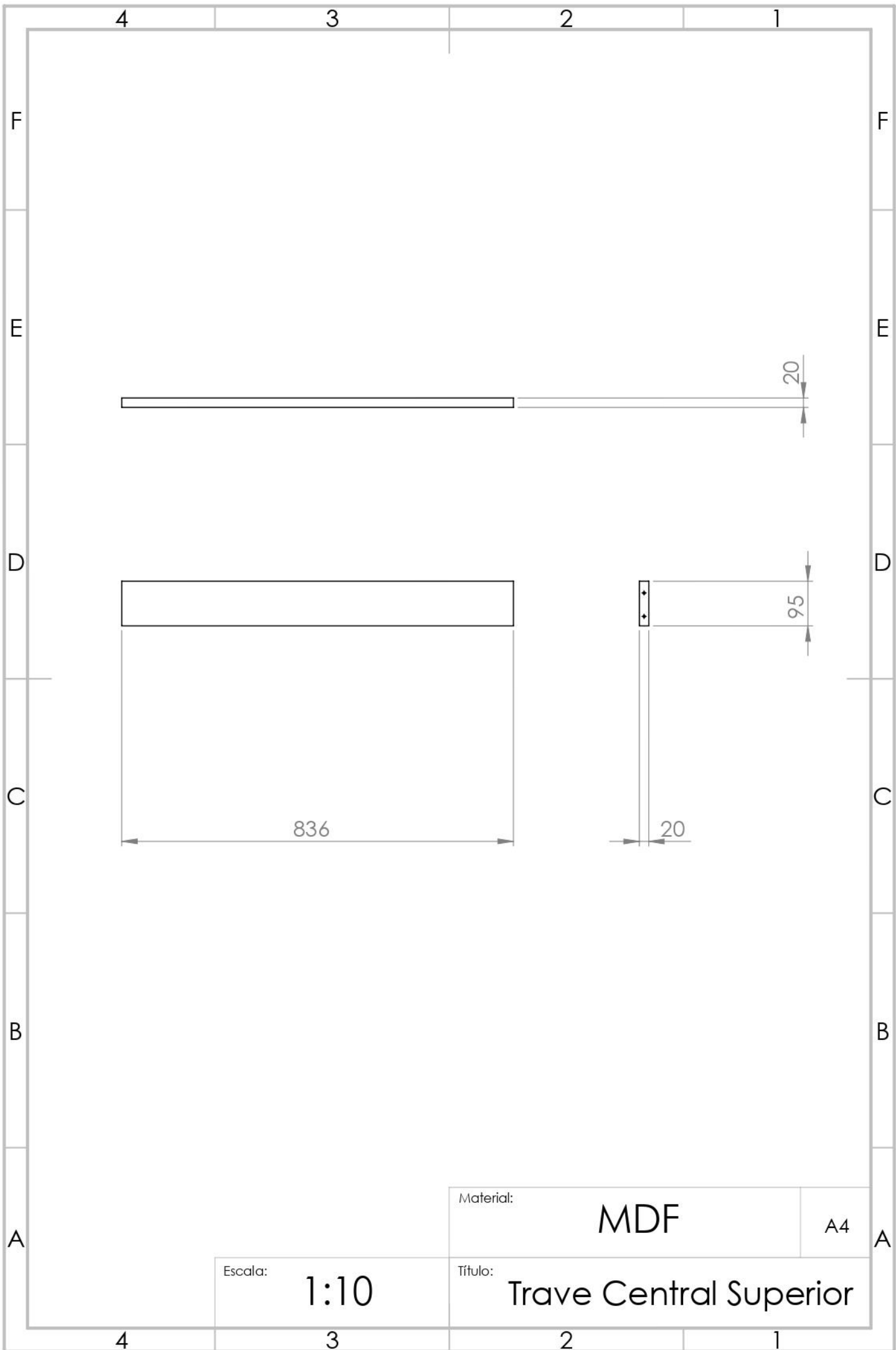
Título: **Tampo Inferior**



Material: **MDF** A4

Escala: **1:20**

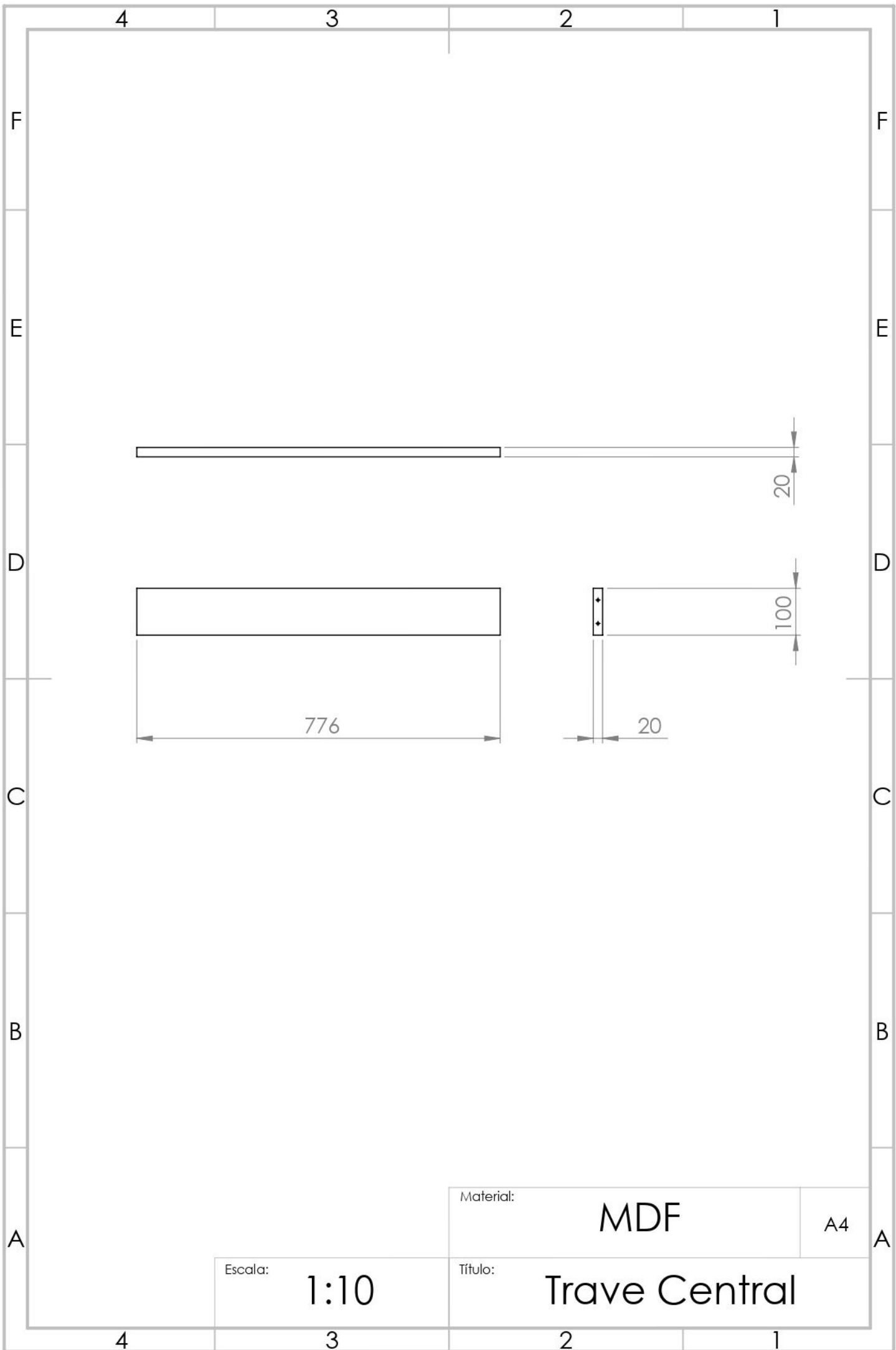
Título: **Tampo Superior**



Material: **MDF** A4

Escala: **1:10**

Título: **Trave Central Superior**



Material: **MDF** A4

Escala: **1:10**

Título: **Trave Central**